



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

FRANCIELI KUCZKOVSKI

**ARQUEOLOGIA GUARANI NO VALE DO RIO URUGUAI, RS/SC: REFLEXÕES
SOBRE GÊNERO E CERÂMICA**

CHAPECÓ

2016

FRANCIELI KUCZKOVSKI

**ARQUEOLOGIA GUARANI NO VALE DO RIO URUGUAI, RS/SC: REFLEXÕES
SOBRE GÊNERO E CERÂMICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciada em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino
Co-orientadora: Prof. Dra. Mirian Carbonera

CHAPECÓ

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Kuczkovski, Francieli
Arqueologia Guarani no vale do rio Uruguai, RS/SC:
Reflexões sobre gênero e cerâmica/ Francieli Kuczkovski.
-- 2016.
56 f.

Orientador: Jaisson Teixeira Lino.
Co-orientadora: Mirian Carbonera.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Chapecó, SC, 2016.

1. Primeiros habitantes no sul do Brasil. 2. Projeto
de arqueologia preventiva da UHE Foz do Chapecó.
3. Artefatos cerâmicos e a mulher Guarani. I. Lino,
Jaisson Teixeira, orient. II. Carbonera, Mirian,
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul.
IV. Título.

FRANCIELI KUCZKOVSKI

ARQUEOLOGIA GUARANI NO VALE DO RIO URUGUAI, RS/SC: REFLEXÕES
SOBRE GÊNERO E CERÂMICA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em História da Universidade Federal da Fronteira sul.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino

Co-orientadora: Prof. Dra. Mirian Carbonera

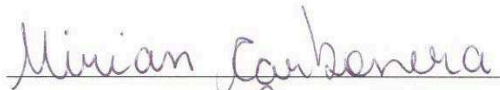
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

06 / 07 / 2016

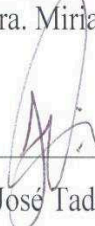
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino



Profa. Dra. Mirian Carbonera



Prof. Msc. José Tadeu Leal Peixoto



Prof. Msc. Anderson Marcelo Schmitt

Dedico esta monografia, bem como todas as minhas conquistas, a minha irmã, meu pai e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino, pelas aulas de História Indígena e Arqueologia ministradas no curso de História na Universidade Federal da Fronteira Sul, as quais me deram suporte para escolher este tema, pela paciência nas orientações, pelos ensinamentos que tornaram possível a conclusão desta monografia, pela amizade, sobretudo, por continuar me orientando da Holanda.

A minha co-orientadora, profa. Dra. Mirian Carbonera, por tudo que aprendi no estágio em arqueologia no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó); tanto em campo quanto em laboratório, pelas orientações, pelo apoio, pela amizade. Ademais, quero dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua presença.

A toda equipe do CEOM/Unochapecó, pelo apoio que tive durante o tempo em que estive produzindo esta monografia.

Ao colegiado do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, o qual foi importante na minha vida acadêmica e, conseqüentemente, no desenvolvimento desta monografia.

A todos os amigos e amigas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Toda cultura opera assim uma divisão entre ela mesma, que se afirma como representação por excelência do humano, e os outros, que participam da humanidade apenas em grau menor. O discurso que as sociedades primitivas fazem sobre si mesmas, discurso condensado nos nomes que elas se dão, é portanto etnocêntrico de uma ponta à outra: afirmação da superioridade de sua existência cultural, recusa de reconhecer os outros como iguais (CLASTRES, 2004, p. 58).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe analisar o Relatório de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó, com o intuito de estabelecer reflexões teóricas em relação à mulher e à cerâmica Guarani. Para isso, foi necessário estabelecer, em primeiro momento, a história indígena Guarani na sua longa duração. Além disso, levantar dados a partir dos estudos já realizados sobre a cultura material e imaterial dos Guarani na região do Vale do rio Uruguai. Foi necessário, deste modo, trabalhar com várias ciências humanas, sendo elas, a Arqueologia, a História e a Antropologia, a fim de estabelecer um estudo etno-histórico no que se refere a cultura indígena. A cerâmica Guarani nos fornece inúmeros dados em relação às relações sociais que existiam nos assentamentos, assim sendo, por meio dela é possível estabelecer uma diferenciação de cultura indígena Guarani. Deste modo, entramos no campo da mulher Guarani, pois ela que produzia e utilizava a cerâmica, sem a mulher, não haveria cerâmica, assim, ela é elemento essencial no que se refere ao estudo da cerâmica Guarani.

Palavras - chave: Guarani. Cerâmica. Mulher.

ABSTRACT

This Work of Graduation Conclusion will analyze the Preventive Archaeological Report of Foz do Chapecó, with the aim of establishing theoretical reflections regarding women and Guarani ceramic. For this, we need to establish, at first, the Guarani indigenous history in its long duration. Also, collect data from the studies carried out on the material and immaterial culture of the Guarani in the region of the Uruguay River Valley. It necessary, therefore, to work with various human sciences, they being, archeology, history, and anthropology, in order to establish an ethno-history study. The Guarani ceramic provides us with numerous data regarding the social relations that existed in the settlements, through it is possible to establish an indigenous culture differentiation Guarani. Thus, we enter the field of Guarani woman, for she who produced and used the ceramic without the woman, there would be ceramic thus becomes main element regarding the study of the Guarani ceramic.

Keywords: Guarani. Ceramics. Woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da bacia hidrográfica do rio Uruguai	20
Figura 2 – Mapa dos municípios atingidos pela UHE Foz do Chapecó.....	21
Figura 3 – Local onde está localizado o sítio ALP-DJ01	23
Figura 4 – Artefatos cerâmicos de coleta de superfície do sítio Adão Sansanaukz	28
Figura 5 – Fragmentos de cerâmica do sítio Adão Sansanaukz. A: imbricado. B: corrugado. C: corrugado/ungulado. D: ungulado. E: escovado. F: pintado. G: lisa	34
Figura 6 – Fragmentos de cerâmica pintada do sítio Adão Sansanaukz.....	35
Figura 7 – Estrutura Funerária 4 do conjunto funerário 2.....	37
Figura 8 – Tipologia da cerâmica arqueológica Guarani.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRIMEIROS HABITANTES NO SUL DO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO	14
2.1 HISTÓRICO DE PESQUISAS	14
2.2 OCUPAÇÕES HUMANAS NO SUL DO BRASIL: ETNIA GUARANI.....	16
2.3 VALE DO RIO URUGUAI: UHE FOZ DO CHAPECÓ.....	19
3 PROJETO DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA DA UHE FOZ DO CHAPECÓ: SÍNTESE DAS PESQUISAS	22
3.1 APRESENTANDO O PROJETO	22
3.2 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO	24
3.3 CERÂMICA GUARANI NOS SÍTIOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO	32
4 ARTEFATOS CERÂMICOS E A MULHER GUARANI	40
4.1 HISTÓRICO DE PESQUISAS	40
4.2 ARQUEOLOGIA DE GÊNERO	42
4.3 RELAÇÕES SOCIAIS NOS ASSENTAMENTOS GUARANI: ARTEFATOS CERÂMICOS.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A Arqueologia é uma ciência da área de humanas, que, por ser interdisciplinar, mantém relação com diferentes áreas do conhecimento. Ademais, tem grande relação com a História, pois as duas áreas buscam a compreensão do homem como um ser social e cultural, além de suas diferenças em relação a tempos históricos. A Arqueologia, como ciência se destaca nacional e regionalmente, e é um importante instrumento de estudo crítico de uma sociedade, ao pesquisar e interpretar a cultura material (FUNARI, 1987). O conceito de cultura material é entendido, nesta pesquisa, como qualquer segmento do meio físico culturalmente apropriado.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é problematizar e contribuir para o entendimento dos Guarani a partir da análise e, posteriormente, por meio das reflexões a partir do relatório de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó. A UHE Foz do Chapecó localiza-se no Vale do rio Uruguai, construída entre os anos de 2006 e 2010. A área da barragem fica entre os municípios de Alpestre-RS e Águas de Chapecó-SC. O Vale do rio Uruguai é uma área importante no que diz respeito a estudos sobre as ocupações humanas, a partir de 1950, quando foram realizados os primeiros estudos por Schmitz (1957) e Rohr (1966). Com base nas pesquisas arqueológicas, é possível entender quais povos ocuparam a área e como se dava a exploração dos recursos naturais. Desta forma, por meio dos vestígios encontrados, como materiais líticos e cerâmicos, se pode compreender melhor a história dessas populações, quem eram, como viviam, que artefatos produziam e as relações sociais e econômicas que se davam nos assentamentos.

Serão apresentados os aspectos históricos da arqueologia, tendo como premissa fundamental o período pré-colonial e as consequências que tal momento histórico desencadeou nas gerações e séculos seguintes e que se faz sentir até a contemporaneidade. Em termos regionais, é fundamental compreender o processo de construção histórica e cultural das sociedades na Bacia do Prata, mais especificamente a região sul do Brasil. Além disso, o trabalho tem como fonte um dos elementos formadores da identidade e patrimônio arqueológico, conforme consta na Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 216.

Para tanto, é importante destacar que aqui se instalaram os Guarani, cuja língua materna pertence à família linguística Tupi-Guarani, originários da região amazônica, os quais desde os tempos pré-coloniais foram colonizando regiões de florestas tropicais e subtropicais (LINO, 2009). Eram diversas populações que tinham em comum a língua, a cultura material,

os mitos, a tecnologia, a subsistência, a organização sociopolítica, a organização econômica e a religião. Há então, evidentemente, variações de nível linguístico e cultural, diferenças essas que não aparecem em nível material (NOELLI, 1999-2000). Como característica mais importante dos Guarani, tem-se a produção em larga escala de utensílios em cerâmica. Os vestígios dessa cultura estão distribuídos em centenas de sítios arqueológicos, conforme Schmitz (1957), Rohr (1966), Goulart (1988), Noelli (1993), Carbonera (2008), Lino (2009).

É importante salientar que os estudos acerca dos povos anteriores a colonização são de extrema importância para compreender a diversidade de culturas que existiam, pois, até hoje, na contemporaneidade, reproduz-se, através dos meios de comunicação e de livros didáticos, conceitos etnocêntricos e eurocentristas. No que diz respeito à compreensão das economias indígenas, essas são contrapostas ao trabalho do colonizador europeu, viés de comparação que revela a tendenciosidade da análise a partir da concepção etnocêntrica, fato que pode ser melhor entendido como:

[...] um preconceito tenaz, curiosamente co-extensivo à ideia contraditória e não menos corrente de que o selvagem é preguiçoso. Se em nossa linguagem popular diz-se ‘trabalhar como um negro’, na América do Sul, por outro lado, diz-se ‘vagabundo com um índio’. [...] Tratava-se, portanto, de povos que ignoravam deliberadamente que é preciso ganhar o pão com o suor do próprio rosto. Isso era demais e não durou muito: rapidamente puseram os índios para trabalhar, e eles começaram a morrer. Dois axiomas, com efeito, parecem guiar a marcha da civilização ocidental, desde a sua aurora: o primeiro estabelece que a verdadeira sociedade se desenvolve sob a sombra protetora do Estado; o segundo enuncia um imperativo categórico: é necessário trabalhar (CLASTRES, 1988, p. 134-135).

Cabe aqui o conceito de *multiculturalismo*, entendido por Boaventura Santos como “a coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades modernas” (SANTOS, 2004, p. 3), que, em seu viés emancipatório, trazem a ideia da diferença, o reconhecimento da diferença partindo do pressuposto de que as pessoas não são homogêneas, abandonando a ideia do universal da essência humana. Propor que a diferença venha a público, com fins de gerar igualdade, não é proposta correlata ao isolamento do grupo, sendo esta própria do conservadorismo, em que o indígena é identificado por uma identidade essencializada. Assim, apresenta-se o movimento de reconhecimento do outro nas suas relações simbólicas, culturais, identitárias. Em relação à identidade, ressalta-se que esta é construída socialmente, portanto, as demandas indígenas referem-se a direitos individuais e coletivos, levando em conta suas particularidades históricas e culturais.

No que concerne a organização da pesquisa aqui proposta, esta foi dividida em três capítulos, afora as reflexões finais e as referências bibliográficas.

O primeiro capítulo subdivide-se em três tópicos; primeiramente, contextualiza-se a historiografia e os estudos acerca do tema proposto, bem como o histórico de pesquisas já realizadas na região sul do Brasil; o segundo tópico trata sobre a ocupação humana no sul do Brasil, com o intuito de trazer à tona os diferentes grupos que habitaram a região no período pré-colonial, além de abordar aspectos dos povos Guarani: quem eram, do que se alimentavam, e como chegaram na região sul do Brasil. Após isso, no terceiro tópico, discorre-se brevemente sobre a UHE Foz do Chapecó, aspectos tocantes à região onde está inserida, além de explanação sobre o Projeto de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó.

No segundo capítulo, apresenta-se uma síntese geral do relatório feito pela Scientia Consultoria Científica, identificando, mais especificamente, a cerâmica Guarani presente nos sítios. O primeiro tópico introduz o leitor no relatório, por meio de uma síntese geral de como foram os trabalhos no projeto. No segundo tópico, elenca-se cada sítio arqueológico identificado pelo projeto. Por fim, apresenta-se uma análise da cerâmica Guarani nos sítios catalogados pelo projeto.

No terceiro capítulo, serão feitas reflexões teóricas em relação à cerâmica Guarani, contemplando mais detalhadamente o papel da mulher nos assentamentos, visto que ela confeccionava a cerâmica. Este capítulo terá como base a arqueologia pós-processualista, com a finalidade de discutir o papel da mulher Guarani dentro dos assentamentos. No primeiro tópico, faz-se uma análise da cultura indígena histórica, por meio da etnohistória e da antropologia. Na sequência, trata-se da arqueologia de gênero. No último tópico, trabalha-se com as relações sociais nos assentamentos Guarani, em especial a mulher e a confecção da cerâmica.

Como encaminhamentos finais, realizamos reflexões sobre o que foi dito ao longo do trabalho, além de propormos alguns estudos fundamentais para a compreensão das populações que ocuparam tais locais. Encerrando, listamos as referências bibliográficas.

2 PRIMEIROS HABITANTES NO SUL DO BRASIL¹: CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

2.1 HISTÓRICO DE PESQUISAS

Os estudos acerca dos povos indígenas, anteriores a colonização brasileira, são extremamente importantes para compreender a diversidade de culturas que existiam. Nesse sentido, Cunha (1992) afirma que há uma razão para que se lembre desse contexto histórico; segundo a autora, tal motivo é o de “[...] reavivar a memória brasileira” (CUNHA, 1992, p. 32). Em relação aos povos indígenas que sofreram com a colonização europeia a partir do século XVI, os estudos rememoram as injustiças que foram cometidas e pretende, assim, evitar que se repitam.

Partindo dessas explicações, conforme Fajardo (2009):

Em resposta às lutas e demandas indígenas, o direito internacional e os sistemas jurídicos nacionais têm desenvolvido um *corpus* de direitos dos povos indígenas destinado, de um lado, a reparar, em parte, as exclusões históricas e, de outro, a proporcionar condições para um novo entendimento entre estados, os povos indígenas e a sociedade em seu conjunto (FAJARDO, 2009, p. 13).

Do ponto de vista da arqueologia, podemos compreender que os vestígios encontrados nas pesquisas arqueológicas nos ajudam a demonstrar a multiculturalidade do nosso país no que se refere a povos indígenas. Deste modo, ajuda na proteção do patrimônio histórico e cultural brasileiro, conforme pode ser visto no art. 24, inciso VII da Constituição Federal de 1988.

Durante os anos de pesquisas arqueológicas no sul do Brasil, Noelli (1999-2000), destaca que existem duas fases. A primeira está associada ao século XIX, ainda com ideias voltadas ao darwinismo social, que acabavam, muitas vezes, colocando o indígena em uma relação de inferioridade e que se reproduz até a contemporaneidade; pelos meios de comunicação social, conceitos etnocêntricos e eurocentristas no que diz respeito à compreensão social indígena. Nesta fase a pesquisa arqueológica era “[...] eminentemente exploratória e colecionista, feita por amadores ou profissionais estrangeiros a partir de 1872” (NOELLI, 1999-2000, p. 222). Colecionar não era algo raro e fica evidente no

¹ Esclarecemos que o emprego do termo “Sul do Brasil” em associação a espaço, trata -se apenas, de um indicativo de localização geográfica atual de onde se localiza a UHE Foz do Chapecó. É evidente que tal denominação remete a localização geográfica, a qual foi criada no século XVII. Portanto, de modo algum este indicativo deve ser compreendido como genflico das populações pré-coloniais.

[...] trabalho realizado pelo Pe. Balduino Rambo, na década de 1940, onde o sentido de se estudar a arqueologia estava intimamente ligado a instigar o colecionar, Rambo [...] estimulava estudantes do seminário local [Sede Capela, Itapiranga/SC] para reunirem os objetos arqueológicos encontrados pelos familiares (CARBONERA, 2011, p. 211).

Porém, devemos destacar que este trabalho foi fundamental para as futuras pesquisas realizadas por Pedro Ignácio Schmitz e João Alfredo Rohr a partir da década de 1950. A segunda fase, citada por Noelli (1999-2000), está sendo desenvolvida até a atualidade “[...] com a fundação de várias instituições de pesquisas, formação de pesquisadores e diversificação das áreas de trabalho arqueológico” (NOELLI, 1999-2000, p. 222). Por conseguinte, esta segunda fase de pesquisas arqueológicas não está totalmente desenvolvida e necessita de muitos estudos na área acadêmica.

A partir do final do século XIX intensificaram-se os estudos acerca da arqueologia e dos povos que habitaram a região do sul do Brasil. Beschoren, entre 1875 até 1887, realizou expedições no Vale do rio Uruguai para o governo do Rio Grande do Sul (CARBONERA, 2011). Já no século XX, com a chegada da colonização, os relatos dos achados começaram a ser mais frequentes por moradores da região, locais que hoje são municípios de Itapiranga - SC e Mondaí - SC. Na década de 1950, começaram então a ser publicados os primeiros resultados encontrados, pois, até então, pouco do que havia sido pesquisado nesta região era publicado ou voltava para a região para pesquisa. Um dos trabalhos pioneiros, que fazem referência a um sítio Guarani, foi publicado por Schmitz (1957) no artigo intitulado: “Um paradeiro Guarani do Alto-Uruguai”, no qual se faz referência a um sítio localizado na beira do rio Uruguai, atual município de Itapiranga. Schmitz (1957) caracteriza-o como pertencente à cultura material Guarani, isto porque foram encontradas em grande escala cerâmicas pintadas e sepultamentos.

Em 1966, João Alfredo Rohr fez prospecção no mesmo local e, no seu relatório, conclui que “[...] o rio Uruguai representa importante rota pré-histórica e as suas margens constituíam verdadeiro eldorado para os povos primitivos, que, em riquezas arqueológicas, pode ser equiparado a zona litorânea” (ROHR, 1966, p. 21). Nos anos seguintes, Rohr (1966) fez pesquisas e encontrou sítios nos municípios catarinenses de Caxambu do Sul - SC, Águas de Chapecó - SC e São Carlos - SC.

Antes da segunda metade do século XX, a arqueologia era praticamente realizada de forma amadora no Brasil e poucos foram os trabalhos sobre os Guarani, sendo que os existentes consistiam, em sua maioria, na descrição, localização e coletas superficiais de sítios

arqueológicos, uma análise basicamente técnica. Por meio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), na década de 1960 à 1970, evidências arqueológicas começaram a aparecer na região sul do Brasil, acompanhadas de pesquisas independentes. O objetivo principal do projeto era identificar as culturas regionais arqueológicas, contrapondo-as à perspectiva nacional. Aqui destacamos os trabalhos de Soares (1997) e Alves (1991).

A partir das construções das barragens no rio Uruguai, na década de 1980, as pesquisas arqueológicas começaram a surgir com a problemática ambiental (CARBONERA, 2015). Marilandi Goulart foi coordenadora do projeto de Salvamento Arqueológico Uruguai (PSAU) e acabou encontrando grande variedade de sítios. Entre os anos de 1980 a 1985, o projeto foi realizado em um amplo território do rio Uruguai até o município de Itapiranga-SC. Mais tarde, teve início o Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai UHE Itá, promovido no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica de Itá.

Nestes projetos, Marilandi Goulart empregou elementos da escola norte-americana nas prospecções extensivas e intensivas nas áreas a serem aladas e, em partes, teorias da escola francesa (CARBONERA, 2015). Através das pesquisas de Marilandi,

Foram levantados 310 sítios arqueológicos, destes 227 em Santa Catarina e 79 no Rio Grande do Sul, distribuídos em 15 municípios. Sendo inventariados 56.784 objetos líticos, 135.488 fragmentos cerâmicos e 68 vasilhas (algumas inteiras), 844 amostras de sedimentos (areia, argila e carvão), 317 amostras de material ósseo, 26 amostras de material conchífero. Dos 310 sítios, 201 estavam localizados na área atingida pela UHE Itá, destes 167 foram registrados nas cotas de desvio do rio Uruguai e de enchimento do reservatório (CARBONERA, 2015, p. 41).

O acervo Marilandi Goulart constitui um dos maiores projetos de Arqueologia Consultiva já desenvolvida no Vale do rio Uruguai, isso porque é formado por acervo arqueológico, envolve muitas instituições e atinge uma extensa área de análise (CARBONERA, 2015). Deste modo, podemos compreender que foi a partir destas diferentes etapas do Projeto Salvamento Arqueológico do rio Uruguai que foi possível a valorização e a difusão do patrimônio arqueológico desta região.

2.2 OCUPAÇÕES HUMANAS NO SUL DO BRASIL: ETNIA GUARANI

Considerando que a “categoria” indígena configura-se demasiadamente genérica, é fundamental identificar a etnia a qual se refere esta pesquisa, para tanto, o estudo proposto diz respeito aos indígenas da etnia Guarani.

As primeiras ondas de ocupação humana no sul do Brasil, mais especificamente na região do rio Uruguai, giram em torno de 12.500 anos AP². As pesquisas nesta região são de extrema importância, pois assim é possível a compreensão da relação dos povos com o meio ambiente. Há pesquisas arqueológicas desde a década de 1960, porém, existe uma enorme massa de dados que ainda não foi analisada. Segundo Carbonera (2015), entre 9.000 e 6.000 anos AP, a região do Vale do rio Uruguai foi ocupada pelos caçadores nômades que se estabeleceram perto do rio, e três municípios possuem comprovadamente datações antigas: Itapiranga - SC, Águas de Chapecó - SC e Itá - SC.

Os estudos arqueológicos apontam para a existência de duas levas de populações distintas na região do Vale do rio Uruguai. A primeira é de grupos *caçadores-coletores*, “[...] os registros arqueológicos dessas populações são classificados como Tradição Umbu e Tradição Humaitá” (NOELLI, 1999-2000, p. 227). Chegaram à região por volta de 12.500 anos AP e seus vestígios encontrados dão conta de utensílios de pedra lascada e ossos. As pesquisas demonstram que esses grupos tinham bom manejo com materiais líticos, pois foram encontradas inúmeras lascas retocadas, lesmas, furadores, raspadores, além de restos de lascamentos, como lascas e núcleos. A sua alimentação, a partir de análises em laboratório, era baseada em pesca, caça e coleta. Por parte dos arqueólogos, é praticamente descartada a ideia de que estes grupos tinham algum tipo de manejo ambiental, ou que cultivavam alguma vegetação para a alimentação (NOELLI, 1999-2000).

A segunda leva de ocupações humanas foi denominada *agricultores ceramistas*. Eles começaram a ocupar a região a cerca de 2.000 a 2.500 anos AP, sendo povos do tronco linguístico Tupi e Macro Jê, oriundos da Amazônia e do Centro-Oeste do Brasil. Estes trouxeram a agricultura e o manejo agroflorestal, práticas distintas àquelas das populações que viveram na região do sul do Brasil por volta de 12.500 anos AP. Para os *agricultores ceramistas*, a confecção de vasilhas cerâmicas era comum para o armazenamento de água, comida, e, também, para o sepultamento dos mortos. Essa técnica de confeccionar vasilhas, fora da Amazônia, foi aparecer numa época mais recente, entre 2.000 e 3.000 anos AP (NOELLI, 1999-2000).

Os Guarani fazem parte da família linguística Tupi-Guarani e são originários da região amazônica, povo que desde os tempos pré-coloniais colonizou as regiões de florestas tropicais e subtropicais (LINO, 2009). Eram diversas populações que tinham em comum a língua, a

² Optamos neste trabalho pela denominação AP (Antes do Presente), visando uma perspectiva secular e laica, ao invés da denominação a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo), perspectiva esta também assumida por outros autores. O termo Antes do Presente é “[...] por convenção, a data presente é o ano de 1950 de nossa era, o qual deve ser tomado como base para conversões para o sistema a.C/d.C.” (SOUZA, 1997, p. 17).

cultura material, os mitos, a tecnologia, a subsistência, a organização sociopolítica, a religião, entre outros aspectos identitários. Há então, evidente variação de nível da linguagem e cultural, as quais não aparecem em nível material (NOELLI, 1999-2000). São povos “[...] agricultores nascidos na Amazônia Brasileira, e no começo da nossa era expandiram-se pelas terras florestadas da bacia do rio do Prata” (SCHIMDT; FERRASSO, 2011, p. 139). Procuravam nesta região área com água e mata densa para poder reproduzir seu território tradicional de vida, além da cultivo de plantas trazidas da Amazônia. Os vestígios dessa cultura estão distribuídos em centenas de sítios arqueológicos, localizados no sul do Brasil, conforme indicam, Schmitz (1957), Rohr (1966), Goulart (1988), Noelli (1999-2000).

A presença das populações Guarani na região, ainda que com raras datações realizadas, parece remontar ao início do segundo milênio de nossa era, estendendo-se, pelo menos, até o século XVIII, em movimentos migratórios que subiam o rio Uruguai, tardiamente, possivelmente a partir da região mais densamente povoada da desembocadura do rio Ijuí (CARBONERA; ROGGE, 2011, p. 329-330).

Ou seja, entre os séculos XVI e XVII, os Guarani dominavam o litoral brasileiro entre a Barra de Cananéia e o Rio Grande do Sul, bem como do litoral às bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai.

Mais tarde, os povos Guarani alcançaram as áreas mais altas e mais afastadas do rio Uruguai, e foi neste período que começaram a manter contato com os povos Jê, grupos que pareceram ter chegado ao rio Uruguai por volta do mesmo período, os quais ainda possuem poucas datações. Pelas pesquisas e evidências arqueológicas, é possível afirmar acerca da cultura Guarani que buscou interagir com o grupo Jê:

A ocorrência de cerâmica Guarani nos sítios Taquara, nas partes mais altas do vale, sem qualquer tipo de evidências de mudança estilísticas, deve ser interpretada como um processo de interação que, se foi intenso o suficiente para aproximar os dois grupos, não foi a ponto de introduzir a necessidade de empréstimos estilísticos significativos, como ocorreu em outras áreas sul-grandenses estudadas por Rogge (2004), tais como o alto rio Pardo e o baixo rio Camaquã (CARBONERA; ROGGE, 2011, p. 332).

De tal maneira, conclui-se que, mesmo com as ocorrências destes fenômenos, não havia ali uma necessidade de introduzir a cerâmica Guarani ao seu contexto e vice e versa. E as cerâmicas traziam a ideia de só um complementar o outro, já que viviam bem próximos uns dos outros. Para Noelli (1999-2000), a cerâmica é o traço mais marcante dos vestígios arqueológicos Guarani, pois era produzida em larga escala e posteriormente feito tratamentos de superfícies. Desta forma, Lino (2009), destaca:

A cerâmica tornou-se o veículo principal e quase único para se construir um quadro histórico e cultural sobre o passado, através da utilização do método quantitativo elaborado pelo arqueólogo norte-americano James Ford e adaptado às condições latino-americanas pela publicação de MEGGERS & EVANS (1970). O objetivo principal era criar uma padronização na terminologia e nos trabalhos de campo e laboratório, permitindo estudos comparativos subsequentes (LINO, 2009, p. 25).

Cabe aqui ressaltar que este estudo tratará mais especificamente da cerâmica Guarani presente na região do Vale do rio Uruguai, como é aclarado no tópico seguinte.

2.3 VALE DO RIO URUGUAI: UHE FOZ DO CHAPECÓ

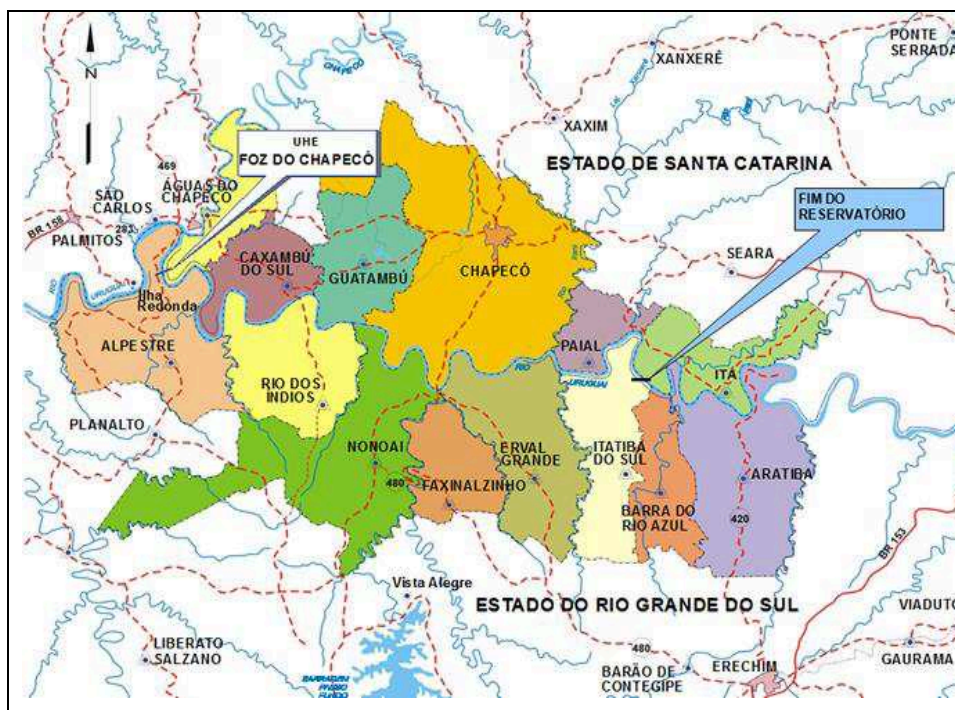
Um local importante do sul do Brasil, de achados arqueológicos dos Guarani, está localizado no Vale do rio Uruguai, que é formado a partir dos rios Pelotas e Canoas. As nascentes dos rios Canoas e Pelotas estão localizadas em uma região de campos. “O rio Uruguai é um dos três formadores do Vale do Prata, o qual apresenta 3,1 milhões de km²” (PAIM; SORTIZ, 2006, p. 65), em termos regionais, divide os estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina. É delimitado ao norte e nordeste pela serra geral, ao sul pela fronteira com o Uruguai e a leste pelo Rio Grande do Sul e a oeste pela Argentina. Possui 2.200 km de extensão e está dividido em três pontos, o alto rio Uruguai, o médio rio Uruguai e médio baixo rio Uruguai.

Os sítios identificados nesta pesquisa estavam localizados no Alto rio Uruguai, ou Vale do rio Uruguai, conforme Figura 1. Nessa região, o clima é subtropical úmido e possui períodos bem distintos, com verões quentes e invernos com alguns dias rigorosos, caracterizados pela formação de geada (PAIM; SORTIZ, 2006). Os meses que podem ser mais secos são novembro e fevereiro (CARBONEIRA, 2015). Em relação à diversidade biológica, o vale do rio Uruguai, representa:

[...] principais biomas do sul da América Latina: a Mata Atlântica e seus ecossistemas associados (Floresta Ombrófila Mista, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semi decidual e campos naturais) e o Pampa. Estes ecossistemas encontram-se em um processo de fragmentação acelerado em razão dos diversos usos do solo e pelo impacto dos empreendimentos hidrelétricos. Apesar disso, as porções de floresta que ainda não foram desmatadas ou submersas pelos barramentos, comportam representativos componentes da fauna e da flora regional. Por suas dimensões, a bacia hidrográfica do rio Uruguai é um dos mais importantes corredores de biodiversidade do Cone Sul, apresentando em sua fauna diversas espécies endêmicas ou em vias de extinção (PAIM; SORTIZ, 2006, p. 12).

A UHE Foz do Chapecó compreende o território do Vale do rio Uruguai que, como já mencionado acima, foi um local de assentamento indígena no período pré-colonial. Possui um

Figura 2 - Mapa dos municípios atingidos pela UHE Foz do Chapecó



Fonte: www.fozdochapeco.com.br, (2016).

Na Figura 2 apresenta-se a barragem que represa a água do rio para a formação do reservatório da UHE Foz do Chapecó. A barragem tem 598 metros de extensão e 48 metros de altura, extensão que atinge os municípios de Águas de Chapecó - SC e Alpestre - RS, na área de construção do canteiro de obras. A área do reservatório compreende os municípios catarinenses de Caxambu do Sul - SC, Guatambu - SC, Paial - SC, Chapecó - SC e Itá - SC, além dos municípios rio-grandenses de Rio dos Índios - RS, Nonoai - RS, Faxinalzinho - RS, Erval Grande - RS, Barra do Rio Azul - RS e Itatiba do Sul - RS (CARBONERA, 2011).

3 PROJETO DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA DA UHE FOZ DO CHAPECÓ: SÍNTESE DAS PESQUISAS

3.1 APRESENTANDO O PROJETO

O texto presente neste capítulo foi fortemente baseado no relatório do Projeto de Arqueologia Preventiva no UHE Foz do Chapecó, RS/SC³. As informações a seguir foram fundamentadas a partir do relatório final elaborado pela Scientia Consultoria Científica, organizado por Solange Caldarelli et al. (2010). As atividades de campo e laboratório foram desenvolvidas entre o ano de 2006 a 2010. De forma geral, este relatório apresenta as descrições e os resultados das atividades de campo, cujo projeto de pesquisa teve sua instrumentação legal por meio do processo IPHAN nº 01510.000159/2005, Portarias IPHAN nº. 390, de 22 de dezembro de 2005 (DOU de 23/12/2005), e 399, de 18 de dezembro de 2006 (DOU de 19/12/2006) (CALDARELLI et al., 2010).

A UHE Foz do Chapecó está localizada no Vale do rio Uruguai, e, como já mencionado, é uma região de grande potencial hídrico. No momento da elaboração desta pesquisa, há mais de trinta hidrelétricas em funcionamento no rio Uruguai e algumas em processo de tramitação. Desta forma, os empreendimentos causadores de impacto ambiental são motivo de preocupações nas áreas que serão atingidas (CARBONERA, 2011). Por um viés histórico, no que se diz respeito a construção da barragem, podemos perceber os efeitos de cunho social, cultural, econômico e ambiental decorrentes da construção de barragens (ROCHA, 2012).

No que se refere à arqueologia, esta região apresenta diversas rotas de migração e assentamentos indígenas, como os dos grupos Guarani, os quais são de maior relevância neste estudo, conforme Schmitz (1957), Rohr (1966), Goulart (1988), Lino (2009), Carbonera (2012). No final dos anos de 1990, começaram os primeiros estudos acerca da construção da UHE Foz do Chapecó, a qual começou a ser construída no ano de 2006, no rio Uruguai. Em relação aos estudos, destacamos que:

Os levantamentos arqueológicos realizados na região do alto rio Uruguai iniciaram na década de 1960, realizados por pesquisadores vinculados ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e posteriormente por equipes voltadas para o resgate dos sítios arqueológicos atingidos por empreendimentos hidrelétricos na região (CALDARELLI et al., 2010, p. 20).

³ Importante mencionar que este capítulo trata de um relatório referente a denominada, arqueologia de contrato. O intuito é demonstrar como a arqueologia de contrato pode e deve contribuir para a arqueologia acadêmica.

Em 1998, começaram os estudos arqueológicos na região do Vale do rio Uruguai, coordenados por Gislene Monticelli e Junior Dominks. Como resultado, localizaram-se 28 sítios arqueológicos na margem de Santa Catarina. Anos mais tarde, em 2004, foram feitos estudos na área do canteiro de obras, que identificaram 9 sítios e 11 áreas de ocorrência arqueológica. Em 2006, foram retomadas pesquisas e etapas de salvamento do canteiro de obras, acrescidas de levantamento dos sítios arqueológicos na área do reservatório (CARBONERA, 2011).

O recorte do relatório final, desenvolvido pela empresa Scientia Consultoria Científica, compreende o salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área do canteiro de obras no município de Águas de Chapecó - SC e Alpestre - RS. Foram realizados 291 *transects* com sondagens a cada 100 metros, com isso, registrou-se 234 áreas de ocorrência de material arqueológico.

Localizaram-se 33 sítios (Fig. 3), sendo um deles cadastrados pela equipe do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó). 25 destes sítios cadastrados foram classificados como lito-cerâmicos tupi-guarani, 6 como sítios líticos Umbu e 1 sítio de gravura rupestre, porém, este último foi localizado fora da área do reservatório. Desta forma, houve o registro de 257 pontos de ocorrências arqueológicas, sendo que 43% apresentaram material lítico e cerâmico; outros 56% eram apenas lítico (CALDARELLI et al., 2010).

Figura 3 - Local onde está localizado o sítio ALP-DJ-01



Fonte: (CALDARELLI et al., 2010).

3.2 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO

O Projeto de Arqueologia Preventiva no UHE Foz do Chapecó, RS/SC, desenvolvido pela Scientia Consultoria Científica, teve como base um estudo anterior realizado em 2004, que foi o levantamento da área de impacto do canteiro de obras da UHE Foz do Chapecó. Desta forma,

[...] foram identificados nove sítios arqueológicos na margem catarinense e três sítios arqueológicos na margem riograndense, bem como 11 áreas de ocorrências arqueológicas na margem catarinense e outras 21 áreas de ocorrências na margem rio-grandense (CALDARELLI et al., 2010, p. 8).

Em 2006, houve a continuação deste projeto, onde foram analisadas as áreas com ocorrência de material arqueológico. Nesta nova fase, identificaram-se 14 sítios arqueológicos; o período de resgate destes 14 sítios e áreas de ocorrência de material arqueológico foi desenvolvido entre outubro de 2006 e agosto de 2007.

Com relação aos trinta e três 33 sítios arqueológicos registrados, tem-se a seguinte descrição:

Sítio Arqueológico ALP-AA-07 (Alpestre, Alto Alegre, nº. 07 - UTM 298.455E/6.994.106N): este sítio está localizado na propriedade de Leo Basso. É possível identificar material arqueológico lítico e cerâmico na superfície. Foram identificados na área sete fragmentos de cerâmica e oito fragmentos líticos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-AA-8 (Alpestre, Alto Alegre nº 08 - UTM 298.586E/6.994.120N): este sítio é lito-cerâmico, localizado na margem esquerda do rio Uruguai. Seu solo é coberto por pastagem com algumas árvores. Foi apresentada baixa densidade de material cerâmico em profundidade. Dos materiais coletados, foram encontrados 2 artefatos lascados, 21 fragmentos cerâmicos, 3 lascas e 1 núcleo (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-AA-09 (Alpestre, Alto Alegre nº 09 - UTM 298.630E/6.993.508N): este sítio de gravuras rupestres foi encontrado fora da área de alagamento do reservatório. Possui uma parede de rocha basáltica, em parte exposta e em parte coberta por gramíneas, apresentando vários desenhos retilíneos que caracterizaram um sítio de petróglifos na UTM 298.630E/6.993.508N. Estes desenhos dão conta de um painel com aproximadamente 4 x 5 m, linhas paralelas com formas geométricas (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-DJ-01 (Alpestre, Linha Dom José, 01 - UTM 298.701E/6.994.134N): este sítio localiza-se em terras do Isaías Bach e seu solo é formado por basalto e arenoso. Foram encontrados: 1 artefato polido, 1 artefato lítico lascado e 4 fragmentos de cerâmica (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-DJ-02 (Alpestre, Linha Dom José, 02 - UTM 300.080E/6.994.828N): é um sítio lito-cerâmico localizado na propriedade de Almir Dutra. Foram constatados vários fragmentos cerâmicos e algumas lascas. Duas sondagens foram realizadas para serem determinadas como pontos centrais. Foram, então, recolhidos: 2 lascas, 3 fragmentos de cerâmica e 2 artefatos líticos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-DJ-03 (Alpestre, Linha Dom José, 03 - UTM 300.563E/6.995.337N):este sítio lítico fica situado na propriedade do Sr. Almeri Dutra. Foram encontradas 2 pontas bifaciais lascadas, 2 artefatos líticos e 2 lascas de material lítico (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LB-01 (Alpestre, Linha Boita, 01 - UTM 300.919E/6.996.204N): situado na propriedade de Mahl, é um sítio lito-cerâmico e foram percebidos pontos de evidências de material arqueológico, lascas e artefatos lascados na UTM 300.954E/6.996.056N (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LB-02 (Alpestre, Linha Boita, 02 - UTM 301.233E/6.996.661N): é um sítio lito-cerâmico localizado na propriedade do Sr. Antonio Pedroso, caracterizado por uma grande quantidade de material cerâmico e artefatos líticos. Foram coletados 3 fragmentos cerâmicos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LB-03 (Alpestre, Linha Boita, 03 - UTM 301.610E/6.996.902N): sítio lítico localizado com ponto central na UTM 301.610E/6.996.902N (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LC-01 (Alpestre, Linha Cruz, 01 - UTM 303.008E/6.995.160N): sítio lito-cerâmico localizado durante o caminhamento realizado na propriedade do Sr. Celeste Vilmar da Cruz, onde foram percebidos fragmentos cerâmicos e líticos em superfície. Os materiais coletados configuram-se como: fragmentos cerâmicos, pontas bifaciais lascadas, artefato lítico unifacial e fragmento de artefato cerâmico modelado (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LC-02 (Alpestre, Linha Cruz, 02 - UTM 303.238E/6.994.715N): sítio lítico-cerâmico onde foram encontrados materiais cerâmicos, durante a construção de uma pista para corridas de cavalos. Teve-se acesso aos dados a partir de informação dada por Assis Corrêa Alvez, proprietário do local. Nesta área, foi percebido

concentração de fragmentos de cerâmica. Em relação ao material encontrado, doou-se à equipe pesquisadora uma panela de metal da margem esquerda do rio Uruguai (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LG-01 (Alpestre, Linha Guidine, 01 - UTM 301.281E/6.990.782N): este sítio é lito-cerâmico (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-LG-02 (Alpestre, Linha Guidine, 02 - UTM 300.380E/6.990.464N): é um sítio lítico registrado durante o caminhamento em área de platô, situada na margem esquerda do Lajeado Bonito, onde foram percebidos diversos artefatos líticos em superfície; no local, foram coletados 8 artefatos lascados (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ALP-GR-01 (Alpestre, Linha Lajeado Grande, 01 - UTM 305.132E/6.987.797N): sítio lito-cerâmico situado em propriedade do Sr. Rezimbio Pafalski, em lavoura próxima da confluência de Lajeado Grande com o rio Uruguai. Verificou-se a presença de fragmentos cerâmicos na superfície (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-LM-01 (Rio dos Índios, Linha Monjolo, 01 - UTM 307.098E/6.983.818N): este sítio é lítico, localizado na propriedade de Virgílio Damim, onde apresenta grande quantidade de material arqueológico. Foram coletados: 4 lascas, 1 núcleo, 1 lâmina polida e 1 artefato lascado (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-LM-02 (Rio dos Índios, Linha Monjolo, 02 - UTM 306.602E/6.984.276N): sítio lítico situado entre a Comunidade de Linha Monjolo e Lajeado Grande. Foi rastreado material arqueológico apenas na superfície (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-LM-03 (Rio dos Índios, Linha Monjolo, 03 - UTM 306.987E/6.984.354N): sítio lítico situado próximo à Comunidade Monjolo. Verificou-se a ocorrência de farto material lítico na superfície, em área ocupada por lavoura recém-arada. Foram coletados 3 artefatos lascados (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-GR-01 (Rio dos Índios, Lajeado Grande, 01 - UTM 305.395E/6.988.081N): sítio lito-cerâmico localizado na divisa entre os municípios de Alpestre e Rio dos Índios, próximo à comunidade conhecida como Saltinho Bela Vista. Foram coletados 3 artefatos lascados e 7 fragmentos cerâmicos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-S1-01 (Rio dos Índios, Comunidade Saltinho - 1, 01 - UTM 305.800E/6.992.924N): sítio lito-cerâmico localizado na propriedade do Sr. Néelson Eli. Neste local, verificou-se a ocorrência, tanto na superfície como na profundidade, de artefatos líticos e cerâmicos. O proprietário afirmou ter encontrado no local duas grandes urnas, uma com

ossada dentro e a outra com vários vasilhames menores em seu interior. Uma das urnas teria sido levada para a Bélgica, pelo padre da região (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico EVG-MG-01 (Erval Grande, Linha Marangoni, 01 - UTM 347.648E/6.982.575N): sítio lito-cerâmico registrado em propriedade do Sr. José Oscar Fiorezi. Foram coletados 13 fragmentos cerâmicos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-PC-01 (Rio dos Índios, Linha Porto Caxambu, 01 - UTM 314.693E/6.992.560N): sítio lito-cerâmico registrado em propriedade do Sr. José Mossi. Durante os trabalhos, foi identificada a ocorrência em superfície de artefatos líticos e fragmentos cerâmicos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico RDI-PC-02 (Rio dos Índios, Linha Porto Caxambu, 02 - UTM 316.195E/6.993.256N): sítio lito-cerâmico registrado em propriedade do Sr. Albino Cavasatto. Foi identificada a ocorrência em superfície de artefatos líticos e fragmentos cerâmicos. Foram coletados 14 fragmentos cerâmicos e 1 lasca (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA-PG-01 (Chapecó, Linha Porto Goio-En, 01 - UTM 332.952E/6.980.918N): sítio lito-cerâmico registrado em propriedade do Sr. Ernesto Teodoro dos Santos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA-CE-01 (Chapecó, Linha Cerne, 01 - UTM 331.341E/6.983.930N): sítio arqueológico lito-cerâmico registrado em propriedade particular pertencente à Associação Campestre. Foram coletados 41 fragmentos cerâmicos e 1 fragmento ósseo (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA CE-02 (Chapecó, Linha Cerne, 02 - UTM 331.267E/6.984.370N): sítio lito-cerâmico registrado em propriedade da família Rotava. No local, foi percebido grande quantidade de vestígios cerâmicos. Foram coletados 19 fragmentos cerâmicos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA BR-01 (Chapecó, Linha Beira Rio, 01 - UTM 327.064E/6.983.814N): sítio lito-cerâmico. Na superfície, foi percebida grande quantidade de vestígios cerâmicos e material lítico lascado e polido. Foram coletados 2 artefatos líticos e 1 lâmina polida (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA BR 02 (Chapecó, Linha Beira Rio, 02 - UTM 325.664E/6.985.996N): sítio lito-cerâmico. Na superfície, foi percebida pequena quantidade de vestígios cerâmicos e material lítico lascado e polido. Foram coletados 14 fragmentos cerâmicos e 2 artefatos lascados (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CHA-BC-01 (Chapecó, Linha Barra do Carneiro, 01 - UTM 325.233E/6.989.343N): sítio lito-cerâmico. Na superfície, foi percebida pequena quantidade de vestígios cerâmicos e material lítico (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CAX-LO-01 (Caxambu, Linha Loureiro, 01 - UTM 308.357E/6.992.347N): sítio lito-cerâmico onde foram percebidos, em superfície, vestígios cerâmicos e material lítico. Foram coletados 31 fragmentos cerâmicos, 4 lascas e 1 artefato lascado (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CAX VG-01 (Caxambu, Linha Volta Grande, 01 - UTM 302.003E/6.989.558N): sítio lito-cerâmico com vestígios cerâmicos e artefatos líticos na superfície. Foi coletado 1 núcleo de lascamento (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico CAX-VG-02 (Caxambu, Linha Volta Grande, 02 - UTM 301.862E/6.990.928N): sítio lito-cerâmico, em superfície foram percebidos vestígios cerâmicos e artefatos líticos esparsos. Foram coletados 1 lâmina polida e 1 artefato lascado (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico ACH-SA-1 (Águas de Chapecó, Saltinho do Uruguai, 01 - UTM 298.560E/6.994.587N): sítio lito-cerâmico; em superfície foram percebidas grande quantidade de vestígios cerâmicos e artefatos líticos. Foram coletados 48 fragmentos cerâmicos e um percutor (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Adão Sansanaukz (Caxambu do Sul - UTM 308.290E/6.990.797N): este sítio arqueológico lito-cerâmico foi registrado pela equipe do CEOM/ Unochapecó e está localizado na propriedade de Adão Sansanaukz. Nesta área, foram encontrados na barranca do rio fragmentos de cerâmica Guarani, além de artefatos líticos e lascas em superfície (CALDARELLI et al., 2010), conforme pode ser visto na Figura 4.

Figura 4 - Artefatos cerâmicos de coleta de superfície do sítio Adão Sansanaukz



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó, (2016).

No canteiro de obras da UHE Foz do Chapecó, foram escavados 14 sítios arqueológicos: 7 lito-cerâmicos, 3 líticos, 1 com gravura rupestre e 3 compostos por dois processos de ocupação humana. Os sítios lito-cerâmicos foram classificados como pertencentes aos Guarani e estavam localizados em patamares planos à beira do rio Uruguai, ao lado de córregos e são eles os sítios: ALP-AA-3, ACH-LP-3, ACH-LP-1, ACH-SU-3 e ACH-SU-5. Em um local plano, a 500m de distância do rio Uruguai, está localizado o sítio ACH-LP-4. Em uma vertente suave, em um segundo patamar aplainado, estão os sítios ACH-SU-1 e ACH-SU-2. Sobre vertente levemente inclinada, estão os sítios ACH-LP-2, ALP-AA-1, ACH-SU-4, ALP-AA-4, ALP-AA-5 e ALP-AA-6 (CALDARELLI et al, 2010). Dos sítios escavados, têm-se a seguinte descrição:

Sítio Arqueológico Alto Alegre 3 (ALP-AA-3, UTM 295.620E/6.995.338N): está situado a 20 m da margem do rio Uruguai e a 30 m de um riacho. Antes da escavação do sítio, foi feita uma coleta de superfície. Na escavação deste sítio, percebeu-se que havia pelo menos três processos de ocupação do espaço; o primeiro relacionado a acampamentos de pescadores contemporâneos, os quais deixaram pedaços de brinquedos, botões de camisa, pedaços de borracha, facas e pregos; o segundo se refere a materiais associados aos Guarani de pré-contato, onde foram encontrados fragmentos de cerâmicas e também de artefatos líticos lascados; o terceiro está associado a populações pré-ceramistas com uma indústria lítica lascada, apresentando pontas-de-projétil e artefatos lascados unifacial e bifacial (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Linha Policial 3 (ACH-LP-3, UTM 298.030E/6.997.845N): este sítio arqueológico está implantado sobre um extenso patamar aplainado, a, aproximadamente, 150 m da margem do rio Uruguai e a, aproximadamente, 100 m de um riacho. Antes do início das escavações, foi realizada a coleta de superfície. Na escavação, foram recolhidas 54,5 quadrículas, correspondendo a pouco mais de 10% da área estimada. Por meio das escavações em todas as quadrículas deste sítio, comprova-se que a área passou por três processos de ocupação em distintos períodos. Foi também encontrada uma estrutura de combustão⁴ contendo carvão vegetal e restos faunísticos compostos por ossos de mamíferos, além de peixes e carapaças de gastrópodes fluviais e terrestres (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Linha Policial 1 (ACH-LP-1, UTM 297.708E/6.996.689N): este sítio está situado a, aproximadamente, 15 m de desnível até o leito do rio Uruguai. Antes do

⁴“[...] frequentemente designadas como fogueiras, estas estruturas se referem normalmente a objetos tão diferentes como a fogueira propriamente dita [...] os produtos do esvaziamento da fogueira, a mancha criada com a difusão das partículas carbonizadoras” (LEROI-GOURHAN, 1979 apud NOELLI, 1993, p. 97).

início das escavações, foi realizada a coleta de superfície. Foram escavadas 63 quadrículas, correspondendo a pouco mais de 10% da área demarcada. As escavações em todas as quadrículas comprovaram que a área do sítio passou por três processos distintos de ocupação humana (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Saltinho do Uruguai (ACH-SU-1, UTM 298.105E/6.995.549N): este sítio, localizado sobre uma encosta, possuía três concentrações de materiais arqueológicos. Deste modo, foram quadriculadas as áreas por concentração para que, no laboratório, fosse possível identificar se existem ou não diferenças (CALDARELLI et al., 2010).

Concentração 1: nesta quadra encontrou-se fragmentos cerâmicos e objetos líticos de basalto e calcedônia, descontextualizados, tendo sido removidos de sua deposição original pelas atividades de lavoura.

Concentração 2: primeiramente, foi feita uma coleta de superfície e, em seguida, escavadas as quadrículas A1, B6, B10, D8, F2, F5, G1, G3, G7, e I9, que correspondem a 10% da área estimada do sítio.

Concentração 3: em primeiro lugar, foi feita a coleta de superfície, após isso, foi escavado e identificado que as quadrículas receberam um único processo de ocupação: a Guarani. Foram encontrados fragmentos cerâmicos e líticos lascados e polidos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Saltinho do Uruguai 03 (ACH-SU-3, UTM 297.894E/6.997.615N): esta área está a 50 m da margem do rio Uruguai e a 50 m de um riacho intermitente. No momento da escavação, estava ocupada por lavoura de milho e fumo. Foram formadas duas concentrações distantes, 60m uma da outra.

Concentração 1: durante as escavações, revelou-se que haviam baixa densidade de material arqueológico tanto em superfície quanto em profundidade. Foram encontrados artefatos líticos e lascas de basalto e calcedônia. A baixa densidade de fragmentos de cerâmicas leva a crer que pode ser sido resultado da frequente utilização do terreno pra lavoura.

Concentração 2: na superfície, foram encontrados fragmentos líticos, artefatos de basalto e calcedônia, além de um colar confeccionado por cerâmica modelada. Foram também localizadas três estruturas de combustão (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Linha Policial 2 (ACH-LP-2, UTM 298.281E/6.997.612N): este sítio arqueológico está situado a 450 m do rio Uruguai e a 100 m de um córrego. O sítio mostrou uma baixa densidade de material (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Alto Alegre 1 (ALP-AA-1, UTM 298.427E/6.997.859N): este sítio arqueológico encontra-se distante 520 m do rio Uruguai. Foi realizada a coleta individual de superfície com o auxílio de GPS. De modo geral, o sítio mostrou densidade baixa de materiais (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Alto Alegre 4 (ALP-AA-4, UTM 296.848E/6.995.345N): este sítio arqueológico está situado em uma área levemente inclinada, a 580 m do rio Uruguai. Após a limpeza da área, foi realizada a coleta individual, com o auxílio de GPS, de todos os vestígios arqueológicos percebidos em superfície (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Alto Alegre 5 (ALP-AA-5, UTM 296.000E/6.996.300N): este sítio arqueológico está a 600 m do rio Uruguai. Após a limpeza de superfície, foi feita a escavação e identificada a concentração de materiais líticos em um único lugar, associado, desta forma, à preparação de artefatos líticos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Alto Alegre 6 (ALP-AA-6, UTM 296.724E/6.996.475N): este sítio está a aproximadamente 60 m de desnível até o leito do rio Uruguai, geograficamente caracterizado por um riacho ao norte. O sítio, de modo geral, apresentou uma única ocupação lito cerâmica associada aos Guarani (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Saltinho do Rio Uruguai 02 (ACH-SU-2, UTM 298.260E/6.995.787N): esta área situa-se a 400 m da margem do rio Uruguai e a 50 m de um riacho intermitente. Este sítio arqueológico foi completamente arado, tendo como resultado a descontextualização dos fragmentos cerâmicos, artefatos líticos e lascas de basalto e calcedônia (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Saltinho do Rio Uruguai 05 (ACH-SU-5, UTM 298.100E/6.995.666N): além de fragmentos cerâmicos e poucos artefatos e lascas líticas, não foram percebidas estruturas arqueológicas (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio Arqueológico Linha Policial 4 (ACH-LP-4, UTM 298.427E/6.997.859N): este sítio arqueológico está situado em uma área plana, a 460 m do rio Uruguai. O sítio também apresentou uma densidade de material extremamente baixa. Não foram encontrados vestígios líticos (CALDARELLI et al., 2010).

Sítio arqueológico Saltinho do rio Uruguai 04 (ACH-SU-4, UTM 298.301E/6.996.728N): neste sítio, foram encontrados alguns fragmentos de cerâmica em superfície. Foram coletados 10 fragmentos cerâmicos e 8 artefatos líticos por todo o terreno (CALDARELLI et al., 2010).

Com o fim dos trabalhos em campo, todo o material arqueológico coletado foi encaminhado para o Laboratório da Scientia Consultoria Científica – Unidade Florianópolis,

onde passou por curadoria e análise. Para aclarar, o processo de curadoria é dividida em: higienização, consolidação, numeração, inventário e restauro de partes material arqueológico. A análise dos materiais envolve uma série de métodos utilizados para retirar dos objetos um conjunto de informações, criando-se uma tipologia.

3.3 CERÂMICA GUARANI NOS SÍTIOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO

A seguir, descreveremos pormenorizadamente as características principais da cultura material, mais especificamente a cerâmica, por ser o objeto de análise neste trabalho, as quais foram evidenciadas nas escavações arqueológicas dos sítios acima mencionados.

Durante as escavações nos sítios arqueológicos identificados pelo projeto de Arqueologia Preventiva na UHE Foz do Chapecó, foi possível evidenciar cerâmica, estruturas de combustão, sepultamento, materiais líticos e vestígios faunísticos, além de porcelanas e outros objetos do período histórico. Foram coletados dos sítios 12.283 artefatos líticos, 25.596 fragmentos de cerâmica, estruturas de combustão, 6 estruturas funerárias, e alguns materiais de ocupação histórica, ademais de vestígios faunísticos (CALDARELLI et al., 2010).

Desta forma, evidencia-se, através das descrições dos sítios onde foram feitas escavações e coletas de superfície, além do material cerâmico, uma gama enorme de material lítico e algumas estruturas de combustão. Percebeu-se que havia pelo menos três processos de ocupação do espaço: o primeiro está relacionado com acampamentos de pescadores contemporâneos, os quais deixaram pedaços de brinquedos, botões de camisa, pedaços de borracha, facas e pregos; o segundo se refere a materiais associados aos Guarani pré-coloniais, onde foram encontrados fragmentos de cerâmicas e também líticos lascados e polidos; o terceiro está associado a populações pré-ceramistas, com uma indústria lítica lascada, que apresenta pontas-de-projétil e artefatos lascados unifacial e bifacial (CALDARELLI, et al., 2010).

Para tanto, compreendemos, a partir de Noelli (1993), que a produção cerâmica configura-se na relação de necessidade aos Guarani, sendo extremamente ligada à alimentação e, conseqüentemente, à agricultura guaraníca. Segundo La Salvia e Brochado (1989), a utilização do artefato cerâmico pode ser dividido em três categorias: a utilitária, a especial e a exclusiva. A primeira identifica cerâmicas fabricadas para atender às necessidades do uso comum do cotidiano. A segunda era fabricada para a guarda de materiais de difícil aquisição, já a última está ligada ao uso em rituais sagrados e não podem ser utilizadas para outro fim.

Para Meggers e Evans (1970), a descrição dos artefatos de cerâmica deve abarcar as características que diferenciam os fragmentos entre si como, por exemplo, a pasta, a qual pode ser moldada, roletada, modelado ou estendido sobre uma base fixa. Além disso, a partir da pasta podemos analisar o tempero, a cor e a queima da argila. A segunda forma de colher informações é por meio da superfície, pela variação da cor, pelo tratamento e pela rigidez. Por último, pode-se colher informações através da forma, levando em consideração a borda da cerâmica, a espessura da parede, a base, analisando se ela é arredondada, plana, anular ou côncava (MEGGERS; EVANS, 1970). Desta forma, foram analisadas as amostras, após a curadoria, pela equipe de pesquisadores da Scientia Consultoria Científica – Florianópolis.

No que se refere à produção da peça de cerâmica, ela pode ser dividida em quatro categorias: modelado, que é a utilização de uma porção de argila e dela produzida a peça inteira; acordelado, que é o uso de cordéis sobrepostos uns nos outros; moldado, que é a aplicação de uma porção de argila dentro de um molde e assim sua confecção e, por último, o torneado, que é o uso de torno para a fabricação das peças de cerâmicas (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Em todos os sítios a técnica acordelada foi a preferida pelas artesãs, como, por exemplo, a concentração 2 do sítio ACH-ACH-SU-1 e o sítio ACH-ACH-LP-1, onde a técnica foi observada em quase 100% dos fragmentos analisados. Outra técnica que foi percebida em todos os sítios foi o modelado, presente, principalmente, em fragmentos de bojo. “O que se percebe, novamente, é uma grande semelhança entre os sítios nas técnicas de confecção empregadas para o feitiço das vasilhas” (CALDARELLI et al., 2010, p. 755).

A partir de La Salvia e Brochado (1989), compreendemos que a vasilha cerâmica recebe dois tipos de acabamento: o banho de barbotina e o alisamento de superfície, e, o outro, com finalidade artística, recebendo um tratamento que pode ser tanto plástico quanto pintado. O tratamento plástico é aquele que resulta da modificação da superfície da parede de uma vasilha com a argila ainda moldável e antes da queima. Resulta, então, em tipos conhecidos de nomenclaturas arqueológicas: corrugado, inciso, unglado, pontado, acanalado e outros (Fig. 5). De forma geral, o tratamento pintado precisa de maior tempo e cuidado para sua elaboração, além disso, sobre a superfície pintada não se pode aplicar outro tipo de tratamento, logo, os artefatos que recebem este tipo de tratamento são, normalmente, associados a cerimônias, rituais e ocasiões especiais. Porém, como argumenta Brochado:

Quando da alteração no modo de utilização, por força de situações e imperativos de necessidade, temos encontrado o aumento de faixas vermelhas recobrimo motivos originais. Sua presença ou ausência, em alguns sítios, deve estar vinculada o uso ou não de determinadas vasilhas e outras funções que por seu uso ou função exigem decoração (BROCHADO, 1989 p. 94).

Ou seja, havia certa divisão para os usos dos recipientes de cerâmica, e não só isso, chegamos também a algumas indagações referentes a quem cabia a fabricação da peça de cerâmica, se existia um livre arbítrio na fabricação da dita peça, ou se está vinculada à tradição de seus ancestrais.

Figura 5 - Fragmentos de cerâmica do sítio Adão Sansanaukz. A: imbricado. B: corrugado. C: corrugado/ungulado. D: ungulado. E: escovado. F: pintado. G: lisa



Fonte: (MOHR, 2015).

Conforme Caldarelli et al., (2010), dentre as cerâmicas nos sítios analisados, foi possível observar que todas apresentam muita semelhança entre si. Nos sítios, foram constatadas “[...] desde o clássico corrugado presente em quase 50% dos fragmentos coletados nos sítios, até as formas dos recipientes e a utilização de areia como tempero” (CALDARELLI et al., 2010, p. 749). Desta forma, foi possível observar que todos os fragmentos coletados nos sítios da área do canteiro de obras da UHE Foz do Chapecó apresentaram algum tipo de tratamento de superfície. Como exemplo, tem-se o escovado, que foi muito presente nos períodos após as reduções jesuíticas, porém, de ocorrência escassa nos sítios catalogados.

As maiores porcentagens aparecem nas concentrações do sítio ACH-ACH-SU-3, sendo 4,5% na concentração 1 e 2,1% na concentração 2. No sítio ALP-ALP-AA-6, mais antigo, apenas 0,3% das peças apresentaram decoração escovada. Nos sítios ALP-ALP-AA-3, ACH-ACH-LP-1 e ACH-ACH-LP-3 apresentaram índices semelhantes, sendo 0,8%, 1,1% e 1% respectivamente (CALDARELLI et al., 2010, p. 758).

Nos sítios arqueológicos identificados pelo projeto, segue-se o padrão mencionado acima, em que o tratamento pintado interno nas vasilhas tem ocorrência rara, pois apenas no ALP-ALP-AA-3 e ALP-ALP-AA-6 se aproximaram em 2% dos fragmentos analisados; nos demais sítios; não chegam a constituir 1% dos fragmentos. O que se percebe com maior frequência são as pinturas com base branca com as linhas vermelhas. “Os sítios ACH-ACH-LP-3 e ALP-ALP-AA-3 foram os que apresentaram maiores variedades de composições de pinturas, com linhas brancas, vermelhas e negras, faixas brancas e vermelhas e bases brancas de vermelhas” (CALDARELLI et al., 2010, p. 761). Já a pintura na face externa das vasilhas só não estava presentes no sítio ACH-ACH-SU-2 (CALDARELLI et al., 2010). No sítio de Adão Sasanovski, foram encontrados em superfície uma gama enorme de artefato cerâmico pintado (Fig. 6). Sobre os fragmentos de cerâmica pintada presente neste sítio, ver Mohr, 2015.

Figura 6 – Fragmentos de cerâmica pintada do sítio Adão Sansanaukz



Fonte: Foto da autora.

É importante aclarar que, além da carga pessoal atribuída ao vasilhame, cada artesã queria fazer uma mesma representação no contexto tradicional, colocando suas preferências. A utilização da pintura nas vasilhas está vinculada a um momento histórico, dadas as necessidades e ações específicas deste momento. Assim como argumenta La Salvia e Brochado (1989), não podemos cometer o erro de dividir por períodos históricos, quando ela foi mais utilizada, seria “[...] como querer dizer que há um momento em nossa sociedade em que um grupo só utiliza Biscut, ou a Porcelana ‘casca de ovo’, com pinturas e alegorias” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 98). Comprendemos, então, que a pintura da cerâmica está

vinculada a um certo momento da história, porém, não podemos, neste sentido, querer dizer que foi em somente um momento da vida em sociedade.

Como cita Caldarelli et al. (2010), é possível perceber a grande quantidade de reutilização de produtos, principalmente com mudança de função na organização Guarani. “Este re-uso e re-significação pode ser encontrado tanto nas vasilhas utilizadas para sepultar os mortos ou como acompanhamento funerário, como também em fragmentos de vasilhas quebradas” (CALDARELLI et al., 2010, p. 763). Percebemos este reuso nas vasilhas para o sepultamento dos mortos, constatação feita a partir das estruturas funerárias utilizadas anteriormente ao sepultamento na fogueira, as quais continham marcas na superfície, além de restos de alimentação carbonizada junto aos recipientes (CALDARELLI et al., 2010).

Em relação à reutilização, podemos mencionar o sítio ACH-SU-3, uma vez que nele foi percebida a existência de vasilhames cerâmicos contendo vestígios de ossos humanos. O conjunto funerário 1, composto por duas estruturas funerárias, as quais eram compostas por vasilhames cerâmicos contendo ossos humanos em seu interior. No caso da estrutura 1, esta continha também mobília funerária.

A Estrutura Funerária 1, do UTM 297.665,704E/6.996.647,293N, composta por um vasilhame cerâmico com superfície corrugada, continha vestígios ósseos humanos. A Estrutura Funerária 2, do UTM 296.664,402E/6.996.647,293N, composta por um vasilhame cerâmico com superfície corrugada e possivelmente uma tampa da urna. Foram também percebidos e recolhidos fragmentos ósseos humanos. O conjunto Funerário 2 (Figura 7) era composto por três estruturas funerárias, sendo elas: a Estrutura Funerária 3 da UTM 297.660,031E/6.996.705,038N a Estrutura Funerária na UTM 297.659,900E/6.996.706,173N, e a Estrutura Funerária 5, localizada na UTM 297.660,531E/6.996.706,329N. Já o conjunto Funerário 3 era formado por um número não determinado de vasilhames. A UTM desta área é 297.646E/6.996.786N; nesta área, foram recolhidos, em superfície, fragmentos de vasilhames com superfície corrugada. Também foram encontrados fragmentos ósseos humanos, possivelmente uma mandíbula.

Figura 7 - Estruturas funerárias 4 e 5 do conjunto funerário 2



Fonte: (CALDARELLI, et al., 2010).

Após o trabalho de campo, as estruturas funerárias foram para a análise em laboratório e, pode-se dizer que, estudar ou encontrar um sepultamento é ter acesso a parte final de um rito de uma cultura, considerando que os rituais de sepultamentos estão intimamente ligados às crenças na atualidade. Deste modo, para estudar os sepultamentos encontrados na Foz do Chapecó, foi necessário relacionar os vestígios encontrados no entorno da urna funerária. Este estudo acaba, secundariamente, por contribuir com as pesquisas de padrão de sepultamento Guarani (CALDARELLI et al., 2010).

De modo geral, segundo o relatório da Scientia Consultoria (2010), os ossos estavam muito deteriorados, já os esmaltes dos dentes estavam bem preservados, porém, a grande maioria já não apresentava mais a dentina. Nos sepultamentos, foram identificados apenas oito indivíduos, sendo duas crianças, três adolescentes ou adultos e três adultos. Por fim, conforme Caldarelli et al., (2010):

[...] os resultados das pesquisas realizadas durante o Projeto de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó, além de produzir novos conhecimentos a respeito da história pretérita da região, trouxe principalmente novos questionamentos, que deverão ser testados e esclarecidos em pesquisas futuras, de modo a tornar mais claro o quadro da exploração dos diversos ambientes do Vale do rio Uruguai por parte das populações humanas que se sucederam no tempo (CALDARELLI et al., 2010, p. 800).

A partir deste estudo, foi possível estabelecer uma ocupação antiga pré-ceramistas na região, povo produtor de uma indústria lítica com instrumentos lascados bifaciais e unifacialmente (CALDARELLI et al., 2010).

É importante destacar que foi percebida a presença, embora discreta, de cerâmica Jê, e

Isso vem mostrar a existência de contato entre os grupos pertencentes a essas distintas tradições, possivelmente envolvendo escambo ou atividades belicosas; cabe dizer que a pequena quantidade de cerâmica Itararé recuperada sugere que a hipótese de incorporação de ceramistas de grupos Itararé por casamento e/ou rapto não tenha acontecido nestes casos, já que a presença de ceramistas de outra tradição certamente teria um reflexo bem mais acentuado no material recuperado (CALDARELLI et al., 2010, p. 801).

Além disso, foi identificado material industrializado do início do século XX nos sítios, estes que são vestígios associados a acampamentos de pescadores e de caçadores que ocupavam as margens do rio Uruguai.

Em relação às datações dos sítios, as mais antigas correspondem aos níveis exclusivamente líticos, o sítio ACH-LP1 alcançou as datas entre 8.370 AP e 8.270 AP e o sítio ACH-LP3 atingiu as datas entre 7.260 AP e 6.990 AP. A inversão de datas observada nos dois sítios se deve a problemas de perturbação estratigráfica, as quais foram evidenciadas em campo. Já nos níveis lito-cerâmicos, as datações foram mais recentes, sendo em três sítios de ocupação exclusivamente ceramistas ACH-SU1 C3, ACH-SU3C2 e ALP-AA6, foram de 750 e 320 AP. O ALP-AA5 atingiu 750 AP, o sítio ACH-SU3C2 chegou a 470 AP, o sítio ACH-SU1C3 entre 400 AP e 360 AP (CALDARELLI et al., 2010).

É de grande importância salientar que existem alguns estudos acerca do relatório do projeto de Arqueologia Preventiva do UHE Foz do Chapecó, sendo eles um artigo intitulado “As indústrias líticas na área da UHE Foz do Chapecó, oeste catarinense: antiguidade, estratégia tecnológica e variabilidade” de Sirlei Elaine Hoeltz e Adelson André Bruggemann. Os quais realizam a análise da radiocarbônica de estruturas de combustão de cinco sítios do canteiro de obras da usina. Dentre seus resultados, destacam que “[...] os conjuntos líticos correspondem as ocupações humanas mais antigas da região oeste catarinense, equiparando se as datas mais antigas da região indicadas por Rohr (1966)” (BRUGGEMANN; HOELTZ, 2011, p. 113), os quais foram indicadas como pertencentes aos grupos caçadores-coletores da tradição Umbu. Já os conjuntos lito-cerâmicos equivalem a ocupações mais recentes pertencentes aos grupos ceramistas (BRUGGEMANN; HOELTZ, 2011).

Outro estudo em relação à UHE Foz do Chapecó foi a dissertação de mestrado de Silvano Silveira da Costa (2012), intitulada “Arqueologia no alto Uruguai: A Foz do

Chapecó” análise que teve o objetivo de demonstrar o alto potencial arqueológico, especialmente na UHE Foz do Chapecó. Já no momento, seguem as pesquisas acadêmicas na região onde está localizada a UHE Foz do Chapecó, com o projeto Primeiros Povoamentos no Alto Rio Uruguai (POPARU). O projeto corresponde a uma missão franco-brasileira de pesquisa arqueológica que visa estudar as mais antigas ocupações humanas na região do Vale do rio Uruguai (LOURDEAU; HOELTZ; VIANA, 2014), (CARBONERA; LOURDEAU, 2015), (HOELTZ; LOURDEAU; VIANA, 2015), (CARBONERA; LOUDEAU, 2016).

4 ARTEFATOS CERÂMICOS E A MULHER GUARANI

4.1 HISTÓRICO DE PESQUISAS

A partir do projeto de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó, foram encontrados mais de 25 mil fragmentos de cerâmica, os quais nos fornecem uma gama abrangente de informações, que nos permite demonstrar, que, para além de sua distribuição no espaço e seu uso, fazem parte das relações sociais e econômicas que ocorreram nos assentamentos Guarani. Portanto, afirmamos que a cerâmica Guarani é uma fonte arqueológica que “[...] por ser um dos poucos materiais que sobreviveram ao tempo, os arqueólogos puderam ter subsídios consideráveis para identificar e explicar o *modus vivendi* dos nossos antepassados” (ALMEIDA, 2010, p. 26). Dito isso, e apesar das várias pesquisas já registradas, o que carece na região do Vale do rio Uruguai, e nas demais regiões do país, é a interpretação dos vestígios encontrados, que só pode ser alcançada por meio da união da Arqueologia, Antropologia e a Etnohistória.

O intuito deste capítulo é construir reflexões teóricas a respeito da cerâmica arqueológica e da mulher Guarani. Seguindo essa premissa, falaremos sobre o papel da mulher nos assentamentos e sua relação com a cerâmica, deste modo, utilizaremos a arqueologia de gênero como eixo principal para desenvolver o estudo. Quando estudamos a cerâmica Guarani, não podemos deixar de mencionar que ela era produzida e utilizada pelas mulheres, pois entre este povo existe uma rígida divisão social do trabalho, sendo a confecção e o manuseio da cerâmica atividade quase exclusiva da mulher. Ou seja, sem o trabalho da mulher, não haveria cerâmica, portanto, reafirmamos que as discussões que permeiam a mulher Guarani são essenciais ao estudo da cerâmica. Porém, ressaltamos que a questão da mulher foi esquecida e abandonada durante décadas na historiografia brasileira.

Como já mencionado no capítulo 2, a UHE Foz do Chapecó está localizada no rio Uruguai, local de assentamentos Guarani. A UHE Foz do Chapecó está fortemente vinculada na bibliografia registrada, em tempos históricos, com a presença de grupos Kaingangs e Guarani. Isto ocorre porque faz parte de uma região com diferentes momentos e seu território habitado por diferentes grupos, os quais foram documentados por expedições dos espanhóis no século XVI, como, por exemplo, o de Cabeza de Vaca⁵. “Os Guarani históricos no século

⁵ Cabeza de Vaca, foi um espanhol que fez sua primeira expedição na América em 1527. Sobreviveu a três naufrágios na América, anos mais tarde ele viveu quase dez anos entre os índios, além disso percorreu milhares de quilômetros a pé e por fim, tornou-se um mítico curandeiro (MAKUN, 2009).

XVI e XVII concentravam-se no litoral brasileiro bem como as bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai” (D’ANGELIS, 1989, p. 10). Dado estas explanações, é necessário observar, bem como cita Prado Junior (1975), que

A população indígena, em contato com os brancos, vai sendo progressivamente eliminada e repetindo mais uma vez um fato que sempre ocorreu em todos os lugares e em todos os tempos em que se verificou a presença, uma ao lado da outra, de raças de níveis culturais muito apartadas: a inferior e dominada desaparece. E não fosse o cruzamento, praticado em larga escala entre nós e que permitiu a perpetuação do sangue indígena, este estaria fortemente condenado à extinção total (PRADO JUNIOR, 1975, p. 105-106).

Destacamos aqui, que este trabalho não é fundado na ideia de inferioridade em relação a qualquer grupo ou etnia. Acresce-se a esta discussão a reflexão de que:

Embora o genocídio anti-semita dos nazistas tenha sido o primeiro a ser julgado em nome da lei, não foi o primeiro a ser perpetrado. A história da expansão colonial no século XIX, a história da constituição de impérios coloniais pelas grandes potências européias, está pontuada de massacres metódicos de populações autóctones (CLASTRES, 2004, p. 55-56).

Isto porque, desde 1492 até a atualidade, vem acontecendo massacres relativos à existência física dos índios e a sua cultura. Aclara-se, ainda, que o genocídio ocorre com a finalidade de exterminar uma minoria racial, “[...] o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito” (CLASTRES, 2004, p. 56).

O debate acerca da história indígena encontra-se fundado na ideia de identidade, além disso, o contexto cultural e o panorama ideológico ganham força nas relações interpessoais, na dimensão da construção social dos sujeitos e conseqüentemente na construção ou alteração de institutos jurídicos. Nesse sentido, é fundamental à ciência jurídica analisar a temática indígena com um olhar mais crítico, e não sob a ótica de um direito positivista e eurocêntrico. Isto nos leva aos direitos e garantias dos povos indígenas, os quais não lhes foram outorgados, como observou Fajardo (2009), foram conquistados em resposta às duras lutas⁶. Fajardo (2009) aponta para quatro instrumentos internacionais que têm embasado e marcado o horizonte das políticas indigenistas das últimas décadas:

⁶ O problema da questão agrária no Brasil vem desde o período da colonização brasileira e é motivo de debate em diferentes movimentos sociais, como por exemplo pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Em relação a demarcação de terras indígenas, este pode ser melhor entendido no art. 231 da Constituição Federal de 1988.

A convenção sobre o Instituto Indigenista Interamericano (III), de 1940; O Convênio número 107 da OIT sobre Populações Indígenas e Tribais em Países Independentes, de 1957; O Convênio 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes, de 1989; A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, de 2007 (FAJARDO, 2009, p. 14).

Em suma, podemos destacar que as transformações na sociedade brasileira não rompem com as estruturas de dominação postas pelo e desde o período colonial, o que existe, de fato, é a manutenção de um padrão de desigualdade e exclusão que perdura por gerações; esse processo possui íntima relação com o sentido da colonização e constitui os fundamentos do que hoje se denomina nação brasileira. Existe, portanto, uma elite nacional formada por um número reduzido de sujeitos que historicamente sobrepujou outros grupos, tais como indígenas e negros.

4.2 ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego a palavra “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de denunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda existência feminina singular (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

Escrito por Simone Beauvoir, este trecho do livro “O Segundo Sexo”, reflete bem a ideia de libertação para todas as mulheres em meados da década de 1940. Este pensamento coloca Beauvoir (1970), como grande pensadora crítica de sua época, além de pôr em voga que os gêneros seriam escolhidos e construídos culturalmente. Apesar de o entendimento contemporâneo colocar esta frase como contraditória, não se pode esconder que esta posição era extremamente original em sua época, e acaba por antecipar os estudos em relação ao gênero da atualidade.

Nos anos de 1930, o tema sobre a mulher começa a ganhar mais destaque na produção científica contemporânea, a partir das

[...] ciências humanas, as sociais em particular, foram marcadas pela progressiva incorporação do conceito de gênero. A distinção entre sexo e gênero constitui-se numa ferramenta conceitual e política, pois ela representou um forte argumento nas lutas políticas em torno dos direitos das mulheres (SILVA; CASTRO; LIMA, 2011, p. 18).

Ou seja, já nos anos de 1970, as pesquisas nesta temática avançaram teoricamente para a categoria gênero. Os estudos mais recentes partem do conceito de gênero, que comporta um sentido distinto do conceito de sexo (DÍAZ-ANDREU, 2005). Desta forma, “a identidade de gênero, é a classificação, inserção, atribuição dada a um indivíduo que os demais de uma sociedade fazem a uma ou várias categorias de gênero específicas, fundadas na diferença sexual socialmente estabelecida na sociedade” (SILVA; CASTRO; LIMA, 2011, p. 67).

Na estruturação de um grupo social, o gênero é uma das identidades fundamentais, e é um fator essencial que devemos considerar no estudo da esfera econômica e social, pois a economia e a sociedade estão intimamente ligadas (DÍAZ-ANDREU, 2005). Assim, como cita Joan Scott (1990), o gênero não remete apenas a ideias, mas sim a práticas cotidianas e tudo que está ligado a relações sociais.

Porém, abrangendo a arqueologia, desde a década de 1980 e 1990, o que vem se destacando no cenário nacional e internacional é a arqueologia pós-processualista. Este conceito questiona o positivismo da arqueologia processual, e vem, desde lá, procurando compreender os outros modos de entender o mundo e os grupos humanos (HERNANDO GONZALO, 2005). Este viés conceitual, destacado nos últimos anos, discute, além da etnicidade, o gênero na arqueologia.

O primeiro trabalho publicado de gênero e sobre a mulher no campo da arqueologia é datado em 1984. Já no ano de 1988, Conkey e Spector organizaram uma conferência para discutir os limites e as possibilidades desta nova abordagem no campo da arqueologia. Foi publicado, por conseguinte, o artigo intitulado: “Engendering archaeology: Woman and Prehistory” no ano de 1991, o qual serviu como base para novos trabalhos científicos sobre esta temática na arqueologia (LANDA, 1995). Para tanto, o gênero é uma identidade diversa, podendo ser percebida e assimilada de maneiras diferentes em cada sociedade em decorrência do seu caráter simbólico. Por esse motivo, não é simples o estudo de gênero na arqueologia, além disso, “os estudos arqueológicos, na maioria dos casos, podem analisar as categorias de gênero mais gerais, ou seja, homens e mulheres” (SILVA; CASTRO; LIMA; 2011, p. 69).

Neste sentido, quando o objeto de estudo é a mulher Guarani, coadunam-se outros percalços ao objeto de análise, porque a questão da mulher é pouco documentada nos relatos

produzida pelos europeus sobre seus contatos com os Guarani. E, quando aparecem, estão carregadas de preconceitos (LANDA, 1995). “Quanto mais longe alguém vai ao passado, maior é a invisibilidade dos papéis da mulher e mais incrementados são os homens” (ADOVASIO; SOFFER; PAGE, 2009, p. 94). Isto se enquadra desde um passado mais afastado da humanidade e se estende até a contemporaneidade.

A questão da mulher pode ser vista por diários de bordo de expedições, como as expedições de Darcy Ribeiro (1996), entre os anos de 1949 a 1951, onde documentou, no livro *Diários índios*, um pouco sobre a mulher indígena nas aldeias Kaapor, abrangendo o que diz respeito à confecção da cerâmica. Neste documento, comprova-se que existia exclusividade feminina no trabalho de confecção da cerâmica, além de divisões de tarefas bem acentuadas nas aldeias (RIBEIRO, 1996).

Nas pesquisas mais recentes sobre a mulher, a partir da década de 1990, tem-se visto que as atividades femininas correspondem a rígidas definições de comportamento.

Os padrões e regras de comportamento existentes nas atividades exercidas pelas mulheres podem ser verificadas entre os Guarani arqueológicos através da cerâmica, e nos históricos a partir de todos os itens da cultura material que só mudaram a partir do contato com os europeus (LANDA, 1995, p. 18).

Estas regras também são vistas na divisão sobre as relações entre gênero e atividade de subsistência e produção. Em relação à categoria gênero homem esta tem como atividades aquelas caracterizadas como ativas e essenciais. Já a categoria gênero mulher relaciona-se às atividades rotuladas passivas, com *status* de auxiliares (DÍAZ-ANDREU, 2005). Ou seja, reproduz-se o conceito de dualidade, proposta por Levi-Strauss (1985), em que homens estão ligados a cultura e a mulher a natureza.

Nesta pesquisa, compreendemos gênero como a referência da construção cultural que representa o papel exercido por homens e mulheres nas relações sociais. Cabe aqui ressaltar que utilizaremos o termo gênero como perspectiva analítica para a compreensão das atividades da mulher Guarani. Pois é de acordado que, atualmente, quando falamos da mulher, utilizamos o termo gênero para identificá-la, porém, quando partimos de um estudo que abrange a mulher Guarani pré-colonial, iniciamos em um passado mais remoto da história da humanidade, por este motivo, usaremos o termo denominatório “mulher Guarani”.

4.3 RELAÇÕES SOCIAIS NOS ASSENTAMENTOS GUARANI: ARTEFATOS CERÂMICOS

No capítulo anterior, abordamos o passo a passo da produção da vasilha cerâmica Guarani, a partir dos fragmentos encontrados nos sítios catalogados por Caldarelli et al (2010). Por este motivo, abordaremos de forma mais sucinta a confecção da peça de cerâmica neste capítulo. A análise de um conjunto cerâmico, por meio da cadeia operatória, permite perceber, por exemplo, as escolhas e os gestos empregados pelas artesãs durante o processo de confecção dos artefatos.

Quando nos referimos à confecção de uma peça de cerâmica, não podemos esquecer do livro de La Salvia e Brochado (1989), intitulado “Cerâmica Guarani”, em que os autores procuraram reconstruir todo o processo de confecção da cerâmica. Este livro torna-se, então, um importante documento para o presente estudo, pois fornecem dados importantes para a compreensão da cultura Guarani.

A vasilha cerâmica é o item da cultura material mais intensamente estudado pelos arqueólogos e é o fóssil guia da arqueologia Guarani. Devido a este fato, a apresentação aqui será sucinta técnicas e matérias primas para a confecção estão detalhados pelos autores citados. Montoya, La Salvia & Brochado 1989, Brochado Monticelli & Neumann 1990 (NOELLI, 1993, p. 207).

A confecção da cerâmica consiste na obtenção da matéria prima, limpeza da argila para a criação da pasta, confecção da cerâmica, secagem, queima, pintura e impermeabilização. Sobre sua finalidade, diz-se que as vasilhas cerâmicas eram recipientes para “cozinhar, tostar, armazenar, servir líquidos e alimentos” (NOELLI, 1993, p. 208). Além disso, como cita Noelli (1993), as cerâmicas eram também empregadas na confecção de suportes para o uso sob o solo e no fogão, denominadas *ytácuru*.

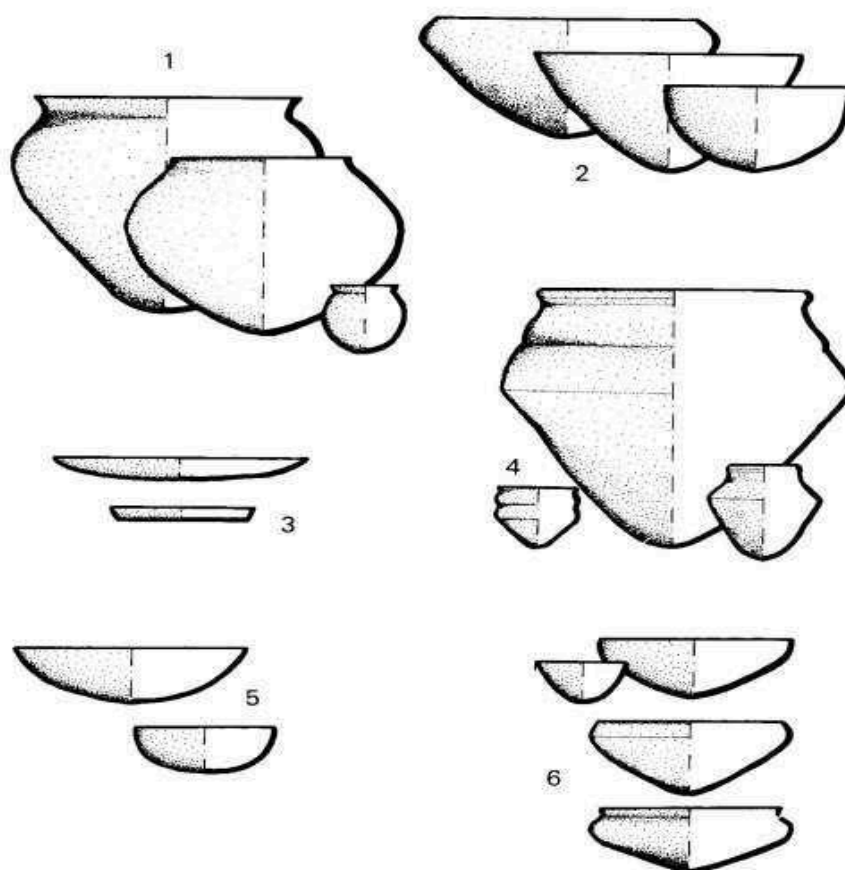
De modo geral, as vasilhas de cerâmicas tinham função de serem utilizadas como recipientes para beber e armazenar líquidos. Conforme a classificação feita por Antonio Ruiz de Montoya, no Dicionário Guarani (1970), as vasilhas podem ser divididas em categorias distintas, sendo elas: 1 *Yapepó*, 2 *Ñaetá*, 3 *Ñamôpiu*, 4 *Cambuchi*, 5 *Ñaembé*, 6 *Cambuchi Caguabá*, conforme Figura 8. São recipientes, os quais variam de tamanho e formas, serviam para beber água, usar como pratos, como panelas, como recipientes para armazenar água, além de alguns servirem para rituais religiosos. Isto porque, segundo Noelli (1993), a utilização da cerâmica está vinculada à alimentação, possuindo funções principais de

processamento, armazenamento e transporte de alimentos. No caso das vasilhas cerâmicas arqueológicas, só é possível a dedução acerca de seu uso.

A função deduzida que, sem outra comprovação, deve ficar sempre hipotética, é derivada das proporções da vasilha e suas dimensões. Assim, pratos rasos devem ter sido utilizados para comer ou servir alimentos secos ou pastosos; enquanto vasilhas profundas, com artifícios estreitos, para armazenar ou servir líquidos (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 121).

Em suma, o modo de utilização é de extrema importância para a compreensão da necessidade da peça em dado momento histórico. Deste modo, a análise do acabamento de superfície nos remete à necessidade e à finalidade de uma vasilha (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

Figura 8 - Tipologia da cerâmica arqueológica Guarani



Fonte: (BROCHADO; MONTICELLI, 1994).

A mulher Guarani desempenhava as atividades de confecção da cerâmica apresentando técnicas diferentes, as quais são chamadas de técnicas produtivas, segundo Landa, é:

Através destas técnicas produtivas mostrou-se a importância social da mulher Guarani no seio da sociedade, fundamental para que os demais membros da coletividade possam expressar o seu modo tradicional de viver. Novamente, os dados nos apontam para uma especialização das atividades e da cultura material utilizada. Somente a mulher produz e usa a cerâmica; o homem instala o tear, mas ela é que confecciona os itens de conforto pessoal, de transporte e vestuário. A importância das atividades produtivas da mulher na sociedade é comprovada na cerâmica e nos artigos têxteis (LANDA, 1995, p. 67).

Como já exposto, a produção da cerâmica Guarani era produzida por mulheres, as quais foram, por um longo período da história, esquecidas. Porém, para suprimir o anonimato da mulher Guarani ceramista, é possível observar o dicionário de Antônio Ruiz de Montoya “*Tesouro e vocabulário de la Lengua Guarani*”, em que foram incluídos dados das ceramistas com relação aos usos das vasilhas. Não podemos deixar de citar que esse dicionário possui um assunto fundamental para se ter acesso à cultura Guarani: a língua. Vale pontuar, como informação adicional, que o referido dicionário foi escrito com o objetivo de ajudar e facilitar o aprendizado da língua Guarani por parte dos missionários. Este dicionário foi reconhecido por profissionais das mais variadas áreas, logo, é material documental de suma importância; sobre o período de sua elaboração, foi escrito num momento que ainda as situações de contato não eram muito intensas entre os Guarani e os Jesuítas. Vale ressaltar, segundo D’angelis (2008), só no Brasil há cerca de 180 línguas indígenas e mais de 200 etnias indígenas distintas.

Apesar da grande quantidade de línguas indígenas, chegamos à definição de Lévi-Strauss (2008), quando aborda a questão do sentido abstrato de conceitos presentes nas palavras das línguas indígenas americanas. Citando o “Manual das línguas indígenas americanas” de Franz Boas, afirma-se que “em todas as línguas, aliás, o discurso e a sintaxe fornecem os recursos indispensáveis para suprir as lacunas do vocabulário” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 15). Isto porque alguns autores, equivocadamente, ao tratarem de línguas de povos estereotipados como “selvagens”, entendem que estes povos nomeiam e conceituam apenas aquilo que lhes é útil e necessário. Por este viés, classificam as línguas de tais povos como pobres e pouco elaboradas, afirmando que não possuem palavras específicas para determinar objetos, ações, e diversos outros conceitos.

Para elucidar tal equívoco, Lévi-Strauss (2008) lembra que a própria definição do termo “nome” na enciclopédia informa que “o emprego de termos mais ou menos abstratos, não é função de capacidades intelectuais, mas de interesses desigualmente marcados e detalhados de cada sociedade particular”. Assim sendo, a ausência de um nome para

determinar certo objeto nas línguas chamadas de “primitivas”, por exemplo, não significa a ausência de pensamento, de inteligência, de ideias ou de carência de vocabulário.

A valoração da língua nas relações sociais pode ser vista por Lévi-Strauss (1985), quando cita o antropólogo Karsten e destaca a proximidade fonética das palavras mulher “nua” e da cerâmica “nui”. Uma interessante reflexão de conexão entre a mulher, a quem a cerâmica é uma das atribuições, e a terra ou argila que ela utiliza. Isto por que, no pensamento dos índios “[...] a argila de que são feitos é fêmea, como a terra – em outras palavras, tem alma de mulher” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 32-33). Isso pode ser visto nos assentamentos Guarani, pois a produção de cerâmica, segundo Landa (1995), era exclusivamente feminina. Logo, reitera-se, após as discussões até aqui fomentadas, que as mulheres possuíam um papel bem definido na sociedade Guarani.

A mulher Guarani produzia autoconhecimento através das atividades a elas cabiam nos assentamentos. Ela é, também, responsável pelas tarefas básicas de subsistência do grupo domésticos, como no preparo da comida, na produção da roça, no processamento do algodão, além da confecção das vasilhas de cerâmicas. Desenvolvem tarefas importantes para o grupo economicamente, isto se deve ao fato de que, desde a infância, as meninas Guarani são educadas para realizar as mesmas tarefas de suas mães (LANDA, 1995).

Isto se dá porque homens e as mulheres sempre desempenharam papéis sociais, de forma geral, bem definidos, distinção reforçada pelos aparatos culturais. Assim, as mulheres, por um longo período na história, foram submetidas a cumprir apenas o papel de esposas, mães, donas de casa, ou seja, sempre desempenhando atividades domésticas. Na sociedade contemporânea, as mulheres desempenharam por muito tempo as “[...] artes menores [...] a cerâmica, os bordados e a tapeçaria” (ALMEIDA, 2010, p. 19). Já a “[...] pintura, a escultura e a arquitetura são consideradas, nesse entender, como artes maiores” (ALMEIDA, 2010, p. 19). Interessante observar que aquelas artes consideradas menores relacionam-se ao fato de serem desenvolvidas especificamente por mulheres.

Para corroborar nossa constatação, citamos Lévi-Strauss (1985), quando o autor fala que somente em algumas poucas comunidades tribais a cerâmica não era feita por mulheres. Strauss (1985) descreve o mito dos Hidatsa, índios do alto do Missouri, de língua Sioux, em que o ato de produzir a cerâmica era uma ocupação sagrada e misteriosa. Estava intimamente ligada ao universo feminino, pois “[...] apenas as mulheres que tivessem herdado o direito de praticá-la de outras mulheres podiam fazê-lo” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 42), ou seja, só produziam cerâmica aquelas privilegiadas, cujo direito havia sido herdado de outras mulheres estas que, por sua vez, teriam recebido o dom diretamente das Serpentes. O mito proferia que

só as Serpentes podiam fazer a cerâmica, ademais, havia várias restrições no que diz respeito à confecção da peça. Um exemplo é que, quando a artesã estava confeccionando a cerâmica, ninguém podia se aproximar dela (LÉVI-STRAUSS, 1985).

As atividades dos homens Guarani tinham grande influência quanto à construção das aldeias, pois, quando eram construídas próximas a regiões fluviais, predominava a atividade de pesca. Ao se deslocarem para região mais afastada do rio, a predominância podia reverter da pesca para a caça.

A atividade de caça era restritamente desenvolvida pelo sexo masculino, incluindo a ação de guerrear, derrubadas de árvores, a coivara, fabricação de adornos, atos ritualísticos e decisões políticas. As mulheres desenvolviam o artesanato com algodão, na produção e na criação das cerâmicas eram desenvolvidas preferencialmente por mulheres mais velhas e a preparação de farinha de mandioca por mulheres mais novas. As mulheres tinham outra função bastante importante, a preparação de bebidas fermentadas a partir do milho e da mandioca, quais eram adicionados a ervas alucinógenas para ações ritualísticas e religiosas (PROUS, 1992, p. 415).

Podemos dizer, então, que a “mulher e a cerâmica são indissociáveis na cultura Guarani” (LANDA, 1995, p. 95), tanto no que se refere à técnica de produção do artefato, tanto pelo papel de mediadora entre natureza e cultura, pois é a mulher que exercia o papel de transformar o alimento vindo da natureza nos alimentos conhecidos pelo restante do grupo, nas vasilhas, as quais eram confeccionadas por elas (LANDA, 1995).

Além disso, a mulher Guarani mantinha um importante papel na produção da roça na sociedade, sendo que a ela competia o plantio da maioria das plantas, com exceção da mandioca e o tabaco, atividades reservadas exclusivamente aos homens (LANDA, 1995). Ainda sobre a função da mulher Guarani, observa-se que o processamento dos alimentos e das bebidas ocupava a maior parte de sua rotina diária. As mulheres Guarani executavam as atividades de âmbito doméstico, porém,

[...] o olhar de observação dos escritores que mantiveram os primeiros contatos com os grupos Guarani espalhados por amplo território, privilegiou o que denominou de a esfera masculina da cultura, que se restringe as atividades exercidas pelos homens (LANDA, 1995, p. 15).

Já os homens praticavam as atividades de caça, pesca e xamanismo, além de atividades do fogo, papéis bem definidos dentro da cultura Guarani. Como já mencionado acima, a cerâmica era fortemente vinculado ao mundo feminino, uma vez que somente à mulher cabia esta tarefa, além disso, a mulher tinha como atividade nos assentamentos Guarani segurar o

cesto, ações relacionadas a plantar, colher, processar e cozinhar os alimentos, tecer e cuidar dos filhos (NOELLI, 1993).

De modo geral, a cerâmica Guarani nos tem oferecido significativas informações no tocante aos gêneros e seus papéis sociais, pois ela possibilita a análise da perspectiva de vida, posição dos indivíduos no meio social e cultural. Além disso, a cerâmica é um importante meio de se estudar a cultura Guarani, porque há um grande diferencial na cultura material arqueológica, o que permite definirmos a expressão “Cultura Guarani” somente através dos atributos de cerâmica que são encontrados em sítios arqueológicos (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). É “[...] a partir dela é que foram estabelecidas as fases existentes para este grupo” (LANDA, 1995, p. 24). A cerâmica, portanto se caracteriza como um elemento de importância analítica para a arqueologia, a qual é desenvolvida a partir das necessidades humanas e do meio geográfico.

Por fim, como se trata, aqui, de uma pesquisa inicial, pretende-se pesquisar mais a fundo a vida da mulher Guarani nos assentamentos, no intuito de demonstrar sua importância no seio da sociedade. Busca-se, assim, detectar a importância social e econômica da mulher Guarani, pois toda a vida econômica e social de um assentamento do referido povo implica atividades executadas por ela, desde os afazeres cotidianos até os rituais religiosos. Além disso, por meio da análise aqui apresentada, demonstra-se a grande importância da cultura material como fonte de estudos nas ciências humanas em geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da história, somente a partir do advento da denominada *Nova História* que o historiador se ajusta a uma perspectiva mais ampla de questões e passa a interagir com a história cultural. É a partir deste progresso que a temática indígena começa a despontar no âmbito acadêmico com mais ênfase. Os estudos sobre a cultura indígena possibilitam considerar a análise do cotidiano como parte integrante da história, desta forma, evita-se a valorização encerrada aos grandes acontecimentos, permitindo a consideração dos fenômenos manifestos no cotidiano. É essencial abordar a história econômica e social dos povos, com este intuito, procuramos, através do presente trabalho, analisar o cotidiano dos Guarani. Para ponderarmos e acrescer nos estudos sobre a temática, utilizamos como suporte a etnohistória e a antropologia cultural, visando um estudo mais aprofundado no que diz respeito às economias indígenas.

Este trabalho de conclusão de curso procurou obter informações no que tange a cerâmica e a mulher na sociedade Guarani. Partindo do relatório de Arqueologia Preventiva da UHE Foz do Chapecó, foi possível estabelecer reflexões teóricas para estes dois temas. Em relação à cerâmica, ela nos tem oferecido significativas informações de relações sociais em assentamentos Guarani, além de viabilizar a análise da perspectiva da vida e da posição dos indivíduos no meio social e cultural. De modo geral, esta manifestação identitária tinha uma importância fundamental para os Guarani e para as sociedades indígenas em geral; não existia distinção entre arte e utilitarismo, ou seja, se produzia uma vasilha para ser utilizada, mesmo que fosse finamente acabada e decorada. Justifica-se esta produção dos índios Guarani devido a sua concepção estética de busca pela beleza que impregnava, inclusive, objetos utilitários.

No que diz respeito à mulher Guarani, compreendemos sua importância no seio da sociedade deste povo, tanto na agricultura quanto na confecção da cerâmica. O artefato cerâmico era fundamental e possuía grande valor, pois com ele era possível cozinhar, beber, armazenar alimentos e bebidas. Para mais de seu uso como objeto cotidiano multifuncional, o artefato cerâmico tinha valor simbólico por ser utilizado no plano espiritual. Porém, a figura da mulher foi esquecida nas ciências humanas durante décadas, e pouco se tem de registros sobre ela no contato inicial com os Europeus em meados da década de 1490.

Nos três capítulos deste trabalho de análise e pesquisa, abordamos a cultura material Guarani, para tanto, compreendemos que os Guarani de hoje não são os mesmos que produziam a cerâmica, pois as culturas não são estáticas. Entretanto, ressalvamos que se trata

do mesmo povo, que continua enfrentando os mesmos problemas em relação a omissão do poder do Estado brasileiro em não aceitar sua perspectiva de vida distinta da imposta pelo modelo europeu de civilização.

Por fim, afirma-se que o presente estudo teve como objetivo contribuir para a valorização da cultura indígena Guarani, demonstrando um pouco da multiculturalidade do nosso país. Desta forma, pensamos a evidência do multiculturalismo como um caminho para se extinguir os preconceitos relacionados às categorias de gênero e de etnia. Buscamos, assim, constituir uma sociedade pautada no multiculturalismo, que reconheça a alteridade e as diferenças de pessoas pertencentes a grupos de minoria, excluídos das relações sociais e das investigações científicas em recorrentes momentos históricos.

REFERÊNCIAS

- ADOVASIO, J.M; SOFFER, O; PAGE, J. **Sexo invisível**: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Record: Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA, F. **Mulheres Recipientes**: Recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ALVES, M. A. Cultura ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: Estudo tecnotipológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, n.1, p. 71-96, 1991.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BROCHADO, J. P; MONTICELLI, G; NEUMANN, E. S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas guarani arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v.35, n.140, p. 727-743, 1990.
- BROCHADO, J.P; MONTICELLI, G. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica das Vasilhas de Cerâmica Guarani a partir dos Fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v.2, p. 107-18, 1994.
- BRUGMANN, A. A; HOELTZ, S. E. As indústrias líticas na área da UHE Foz do Chapecó, oeste catarinense: antiguidade, estratégia tecnológica e variabilidade. In: CARBONERA, M; SCHMITZ, P. I (Org.). **Antes do oeste catarinense: Arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011. p. 105-136.
- CALDARELLI, S. B (Org). **Arqueologia preventiva na UHE Foz do Chapecó. SC/RS**: Relatório Final. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica, 2010.
- CARBONERA, M. **A tradição Tupiguarani no Alto Uruguai**: Estudando o Acervo Marilandi Goulart. 2008. (Dissertação de mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.
- CARBONERA, M; SCHMITZ, P. I. As pesquisas arqueológicas entre o final do século XIX e o início do século XXI. In: CARBONERA, M; SCHMITZ, P. I (Org.). **Antes do oeste catarinense: Arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011. p.17-46.
- CARBONERA, M; ROGGE, J. H. O contato cultural entre populações ceramistas pré coloniais na região do alto rio Uruguai. In: CARBONERA, M; SCHMITZ, P.I. (Org.). **Antes do oeste catarinense: Arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011. p 309-338.
- CARBONERA, M. **A ocupação pré-colonial do alto Rio Uruguai, SC**: contatos culturais na Volta do Uvã. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CARBONERA, M; LOURDEAU, A. **Primeiros povoamentos do alto rio Uruguai**. Relatório parcial 1/2015. Chapecó, 2015. p.44.

CARBONERA, M; LOURDEAU, A. **Primeiros povoamentos do alto rio Uruguai**. Relatório parcial 1/2016. Chapecó, 2016. p. 82.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência**: Pesquisas de antropologia política. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, [1974] 2003.

COSTA, S. S. **Arqueologia no Alto rio Uruguai**: Foz do Chapecó. (Dissertação de mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

CUNHA, M. C. **Legislação Indigenista no Século XIX**: Uma Compilação: 1808-1889. São Paulo: Edusp, 1992.

D'ANGELIS, W. Para uma História dos índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio - Cultural do Oeste de Santa Catarina – CEOM**. Chapecó, Ano 4, n.6, 1989.

DIAS, A. **Repensando a tradição Humbú a partir de um estudo de caso**. (Dissertação de Mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 1994.

DÍAZ-ANDREU, M. Género y arqueología: una nueva síntesis. In: ROMERO, M. S (ed.). **Arqueología y Género**. Granada: Editorial Universidade de Granada, 2005, p. 31-51.

FAJARDO, R. Z. Aos 20 anos do Convênio 169 da OIT: Balanço e desafios dos Povos Indígenas na América Latina: In: VERDUM, R. **Povos Indígenas: Constituições e Reformas Políticas na América Latina**. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2009.

FUNARI, P.P. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1987.

GOULART, M. **Situação atual das pesquisas arqueológicas**: Barragem de Itá - SC/RS. Florianópolis: UFSC/Eletrosul, 1988.

HERNANDO GONZALO, A. **Sexo, género y poder. Breve reflexión sobre algunos conceptos manejados em la arqueologia del género**. Madrid: Departamento de prehistória Universidad Complutense, 2005.

HOELTZ, S; LOURDEAU, A; VIANA, S. **Um novo conceito de lascamento no sul do Brasil**: debitagem laminar na foz do rio Chapecó (SC/RS). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 25, 3-19, 2015.

LANDA, B. S. **A mulher guarani**: atividades e cultura material. (Dissertação de mestrado). PUCRS, Porto Alegre, 1995.

LA SALVIA, F; BROCHADO, J.P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. Tradução Editora Brasilense S.A. São Paulo: Librairie Plon, 1985.

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. Tradução Tânia Pellegrini. 8 ed. Campinas: Papirus, 2008.

LINO, J.T. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do rio Araranguá**: aspectos de territorialidade e variabilidade funcional. Erechim, RS: Habilis, 2009.

LOURDEAU, A; HOELTZ, S; VIANA, S. **Early Holocene blade technology in Southern Brazil**. *Journal of Anthropological Archaeology*, 35, p. 190-201. 2014.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade, educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAKUN, P. **Soldado, alcoviteiro, conquistador, náufrago, escravo, comerciante, curandeiro, governador, prisioneiro, escritor**: A incrível trajetória de dom Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca pelas Américas e revelações inéditas sobre seu julgamento. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2009.

MEGGERS, B.J; EVANS, C. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Manual para arqueólogos. Washington, D.C: Smithsonian Institution, 1970, 111p.

MOHR, M. **Cerâmica Guarani Policrômica**: Um estudo de caso a partir da coleção Caxambu do Sul. (Monografia). Curso de Licenciatura em História Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

MONTOYA, A.R. Vocabulário y tesoro de la lengua guarani. In: VERNHAGEN, F.A. PORTO SEGURO, V. (Org.). **Vocabulário espanhol-guarani**. Porto Seguro, 1876 (1640).

NOELLI, F. **Sem tekohá não há teko**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. (Dissertação de mestrado). Curso de Pós Graduação em História PUCRS, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, F. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 218-269, 1999.

PAIM, E; SORTIZ, L. **Hidrelétricas na bacia do rio Uruguai**: guia para ONGs e movimentos sociais. Porto Alegre: Núcleo Amigos da Terra. Brasil, 2006.

PRADO JUNIOR, C. **Evolução Política do Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. da UnB, 1992.

RIBEIRO, D. **Diários índios**: Os Urubus-Kapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROCHA, H. **Relações de poder na hidreletricidade**: a instalação da UHE Foz do Chapecó na bacia do rio Uruguai. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade de Campinas, Campinas, 2012.

ROHR, J.A. **Os sítios arqueológicos do município de Itapiranga as margens do rio Uruguai, fronteira com a Argentina.** Pesquisas. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1966.

ROHR, J. A. A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina. **Dédalo**, São Paulo: USP, n.17/18, p.49-65, 1973.

SANTOS, B.S; NUNES, J.A; MENESES, M.P. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo: In: SANTOS, B.S (org.). **Semear outras soluções. Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais.** Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SCHMITZ, P.I. Um paradeiro guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas, Antropologia**, Porto Alegre: IAP, n.1, p. 122-142, 1957.

SCHMITZ, P.I. Território de Domínio em grupos Tupiguarani: Considerações sobre o médio e alto Jacuí, RS. **Boletim do Marsul.** Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, n.3, p. 45-52, 1985.

SCHMITZ, P.I. **Pré-História do Rio Grande do Sul:** Arqueologia do Rio Grande do Sul. Instituto Anchietano de Pesquisas-Unisinos. São Leopoldo, RS, Brasil. 2006.

SCHMITZ, P.I; FERRASSO, S. Caça, pesca e coleta de uma aldeia Guarani. In: CARBONERA, M. SCHMITZ, P.I. **Antes do oeste catarinense:** Arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Argos, 2011. p.139-166.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Tradução Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-99, 1990.

SILVA, S; CASTRO, V; LIMA, D. Arqueologias do corpo e da sexualidade: possibilidades de estudos sobre morte e gênero na arqueologia brasileira. **Revista Clio-** UFPE. Recife, v.26, p. 49-91, 2011.

SOARES, A.L. **Guarani. Organização Social e Arqueologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 256 p, 1997.

SOUZA, A.M. **Dicionário de Arqueologia.** São Leopoldo: ADESA- Associação do Docentes de Estácio de Sá, 1997.

VERDUM, R. **Povos Indígenas:** Constituições e Reformas Políticas na América Latina. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2009.